



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Junior Augusto da Silva

**“Uma viagem nem tão solitária”:
Uma experiência de produção de masculinidade**

Rio de Janeiro

2018

Junior Augusto da Silva

“Uma viagem nem tão solitária”: uma experiência de produção de masculinidade

Dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Luiza Heilborn

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

S586u Silva, Junior Augusto da
“Uma viagem nem tão solitária”: uma experiência de produção de
masculinidade /. – 2018.
92 f.

Orientador: Maria Luiza Heilborn

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Masculinidade – Teses. 2. Pessoas transgênero - Teses. 3.
Homens – Teses. I. Heilborn, Maria Luiza. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 613.885

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Junior Augusto da Silva

“Uma viagem nem tão solitária”: uma experiência de produção de masculinidade

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2018.

Orientador: Prof.^a Dra. Maria Luiza Heilborn
Instituto de Medicina Social – UERJ

Banca Examinadora: _____
Prof. Dr. Rogerio Lopes Azize
Instituto de Medicina Social-UERJ

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida
Faculdade de Serviço Social – UERJ

Prof. Dr. Marcos Antônio Ferreira do Nascimento
Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr. Maria Luiza Heilborn pela acolhida, disponibilidade e dedicação com que tem conduzido a difícil jornada de orientar no sentido estrito da palavra, e principalmente por compartilhar a maior riqueza possível a um indivíduo, o conhecimento.

Ao CNPQ (Conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico) pelo auxílio financeiro concedido a essa pesquisa.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que vem ao longo desses anos ensinando o real significado da palavra resistência.

Ao Instituto de Medicina Social-UERJ e a todos os seus professores e funcionários, pelo apoio e dedicação.

Em especial aos professores que participaram do exame de qualificação dessa pesquisa, por contribuírem de maneira decisiva, por meio de suas ricas sugestões, para a melhor condução desse trabalho: Prof. Dr. Rogerio Lopes Azize, Prof. Dr. Guilherme Almeida e Prof. Dr. Marcos Antônio Ferreira do Nascimento.

A Prof^a. Dr. Claudia Mora, pela disponibilidade e sugestões na primeira leitura desse trabalho.

Aos colegas do núcleo de pesquisa PPS- UFJF (Núcleo de Pesquisas e Práticas em Políticas Públicas e Saúde) pela apresentação do instigante universo da pesquisa, e em especial à professora Juliana Perucchi.

A todas as pessoas que fizeram e fazem parte do grupo Visitrans*, pelos ensinamentos compartilhados. Parceiros fundamentais que proporcionaram e ainda proporcionam uma melhor compreensão da riqueza da diversidade humana.

A João W. Nery, por dividir com o mundo com riqueza de detalhes sua jornada de vida, e por possibilitar a todos o contato com sua corajosa trajetória, sem a qual esse trabalho não seria possível.

Aos colegas de Mestrado, em especial aos que se tornaram verdadeiros amigos Ingrid Raiol, Murilo Galvão, Isabel Siqueira e Gabriela Hugues, pelas trocas e conselhos, e por dividir as alegrias e angústias desse turbulento processo.

Aos amigos de sempre por dividirem a vida, tornando-a uma experiência mais agradável.

Ao Aldo, pela parceria de vida, pelo apoio incondicional de sempre e o constante estímulo.

A Maria e Francisco, meus padrinhos, por simplesmente tornarem esse momento possível.

Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver
Super-homem (a canção) Gilberto Gil

RESUMO

SILVA, Junior Augusto Da. **“Uma viagem nem tão solitária”**: uma experiência de produção de masculinidade. Dissertação. (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este trabalho tem como tema a construção social da masculinidade, e procura analisar quais elementos são acionados pelos homens nesse processo. A masculinidade é aqui entendida como uma categoria múltipla e dinâmica, como um constructo cultural moldado por meio da interação dos indivíduos. Como estratégia metodológica é adotado como exemplo de masculinidade a experiência da transexualidade masculina. O objeto de análise é a narrativa autobiográfica de João Nery - primeiro homem transexual a ter sua história tornada pública no Brasil. Constatou-se que as estratégias subjetivas mobilizadas por Nery para ser aceito como homem pela sociedade, em nada difere dos mecanismos acionados por homens não transexuais, de modo que a única explicação para o não reconhecimento da identidade desses indivíduos seria o discurso essencialista que organiza a “verdade” acerca do gênero na sociedade. Discurso que tem como principal base argumentativa o debate em termos de uma natureza intrínseca do sexo biológico, responsável por promover uma visão binária dos gêneros.

Palavras-chave: Masculinidade. Homem-transexual. Gênero. João Nery.

ABSTRACT

SILVA, Junior Augusto Da. "**A journey not as solitary**": an experience of masculinity production. Dissertação. (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This work has as its theme the social construction of masculinity, and seeks to analyze which elements are triggered by men in this process. Masculinity is here understood as a multiple and dynamic category, as a cultural construction shaped by the interaction of individuals. As methodological strategy is adopted as an example of masculinity the experience of male transsexuality. The object of analysis is the autobiographical narrative of João Nery - the first transsexual man to have his story made public in Brazil. It was found that the subjective strategies mobilized by Nery to be accepted as a man by society do not differ from the mechanisms employed by non-transsexual men, so that the only explanation for the non-recognition of the identity of these individuals would be the essentialist discourse that organizes the "Truth" about gender in society. Discourse that has as main argumentative basis the debate in terms of an intrinsic nature of the biological sex, responsible for promoting a binary view of genders.

Keywords: Masculinity. Transsexual man. Gender. João Nery.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
1	METODOLOGIA	13
1.1	Uma parte do todo	13
1.2	A autobiografia: o estilo de vida do indivíduo comum	15
1.3	“Erro de pessoa” X “Viagem Solitária”	18
2	MASCULINIDADE X MASCULINIDADES	22
2.1	Histórico do gênero conjugado no masculino	22
2.2	Novos dilemas ou um modelo em declínio?	28
2.3	Desvio e masculinidade	30
2.4	Os estereótipos latinos de masculinidades	32
3	CORPO E SIGNIFICADO	36
3.1	Pensando o corpo nas ciências sociais	36
3.2	Ter um corpo no mundo, ou emergência do individualismo	39
3.3	O corpo como esfera de atuação política	40
4	O INÍCIO DA VIAGEM	43
4.1	Memórias de Infância	43
4.2	Descobrimo as diferenças	47
4.3	Adolescência e a construção da identidade	51
4.4	O corpo sexuado	53
4.5	O aprendizado de manipulação da identidade	55
5	O PREÇO DO PIONEIRISMO	58
5.1	Primeiro contato com o processo de transição	58
5.2	Da identidade ilegal	65
6	DE JOANA A JOÃO, CONSTRUINDO O MASCULINO	68
6.1	Desenvolvendo possibilidades	68
6.2	Técnicas corporais de construção do masculino	69
6.3	A performatividade masculina	71
6.4	Homossociabilidade, ou uma valorização do masculino?	76
6.5	As Próteses que fazem o gênero	78
7	REFLEXÕES FINAIS	83

7.1	O fim da viagem e a chegada ao porto	83
	REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve-se dentro da linha de pesquisa de Gênero, Sexualidade e Saúde. Área que me é bastante familiar, tendo feito parte do meu percurso acadêmico em Ciências Sociais, período no qual também fiz parte do núcleo de pesquisas PPS (Núcleo de pesquisas e práticas em Políticas Públicas em Saúde) vinculado ao departamento de psicologia social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nesse estágio ocorreu a primeira experiência empírica com a temática dos estudos de gênero, por meio do contato com um grupo de apoio e militância voltado para indivíduos travestis e transexuais localizado na cidade de Juiz de fora- MG. Ocasão em que pude participar da concepção e dos primeiros anos de atividade desse projeto, o que foi responsável por proporcionar uma maior aproximação teórica e empírica com o campo. Desde o início o grupo foi majoritariamente formado por indivíduos que se identificavam como transexuais. As travestis que inicialmente seriam o público alvo da proposta do projeto nunca foram alcançadas com sucesso.

Durante o contato com esses atores, foi possibilitado compreender um pouco melhor suas trajetórias de vida, e a complexa dinâmica que compõe o universo das relações de gênero. Meu contato com o grupo de Minas Gerais foi se distanciando, com o desenvolvimento da carreira acadêmica e a mudança da instituição de Minas Gerais para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, contudo a relação estabelecida com os frequentadores do grupo e com os colegas de pesquisa mineiros foi mantida, bem com o interesse pelas temáticas de gênero que se mantiveram inalterados.

Assim, analisar a maneira como os contextos culturais nos quais os indivíduos estão inseridos se tornam os balizadores da forma como interpretamos o gênero, permanece como foco de meu trabalho. Entretanto, ao voltar minhas inquietações para questões direcionadas para a estética dos gêneros de uma maneira mais geral, fez com que a experiência da transexualidade passasse a uma dimensão coadjuvante, e as noções culturais de feminino e masculino assumissem o cerne de meu interesse de pesquisa e reflexão.

Nesse sentido, esta dissertação tem como objeto a construção social da masculinidade, fazendo-o por meio da análise dos processos de construção de si que são acionados nas dinâmicas de transição de gênero promovida por indivíduos transexuais masculinos, que promovem o deslocamento do gênero feminino para o masculino, ou “FtM”, categoria bastante difundida nos espaços de militância e interação virtual de homens transexuais (CARVALHO, 2015). Tais indivíduos serão tanto identificados tanto como homens transexuais, quanto como trans homens, utilizando a proposta de Guilherme Almeida (2006),

para quem, a título de se simplificar o entendimento, esses termos podem ser considerados, “como equivalentes as categorias empíricas “homem transexual”, “homem trans”, “transman”, “FTM” ou “transexual masculino”.” (ALMEIDA, 2012.p.513)

Essa questão da controvérsia quanto a identificação do grupo é também uma singularidade dentro desse universo, quando comparado a outros movimentos (AVILA, 2014), tornando-se inclusive um ponto de disputa nos espaços de militância dos movimentos transexuais (CARVALHO, 2015). O embate em torno da identidade coletiva, torna-se um instrumento capaz de apontar inclusive a multiplicidade de experiências englobadas dentro da categoria homem trans, nas quais marcadores sociais como os de geração, raça e classe emergem como fatores importantes na constituição das identidades desses indivíduos como apontado na etnografia de Mario Felipe Carvalho (2015) acerca da complexidade dos movimentos de militância LGBT brasileiros.

A investigação foi realizada tendo como fonte primária as autobiografias publicadas por João W. Nery, tido como o primeiro homem transexual brasileiro - ou ao menos o primeiro a ter seu percurso de transição de gênero tornado público - intituladas “Erro de pessoa: Joana ou João” e “Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”. Obras nas quais o autor elabora, por meio de testemunho, a trajetória percorrida para ser reconhecido como um homem pela sociedade, narrando sua vida desde a infância até a idade adulta. Desse modo o personagem Joao W. Nery será nesta dissertação alçado a categoria de “nativo” dessa pesquisa. As passagens de suas obras aqui utilizadas serão apresentadas como referências bibliográficas com o propósito de proporcionar ao leitor uma maior facilidade na localização do excerto no texto original, bem como com a intenção de legitimar a autobiografia como um documento importante para a investigação sociológica.

O objetivo da pesquisa é a compreensão das dinâmicas e dos atributos envolvidos no processo de construção da masculinidade, analisando os elementos culturais acionados por homens transexuais, no processo de construção da masculinidade como um capital simbólico. Elementos que são capazes de funcionarem como ferramentas de distinção social, principalmente numa sociedade marcada pela assimetria de gênero; e se procura observar também as semelhanças nos processos de construção de si desses indivíduos transexuais com os padrões culturais acionados por homens não transexuais. Há desse modo, o intuito de apontar para a plasticidade e para múltiplas possibilidades de experiências que permeiam o universo das masculinidades, procurando questionar o padrão tradicional de masculinidade. Busco apontar para a fragilidade e a limitação do pensamento que acredita em um único modelo de ser homem no mundo.

Assim, o que se pretende neste trabalho é a formulação de uma interpretação necessariamente pessoal, acerca da trajetória de vida de João, em um movimento de recontextualização dos seus depoimentos dentro dos marcos acadêmicos. A eleição do que de fato seria relevante ou não para ser recontado aqui, é uma decisão tomada tendo como critério puramente o ponto de vista do pesquisador-autor, aquilo que Gilberto Velho (1986) definiu como o papel demiurgo do autor que opta por recontar a história de vida de alguém.

A análise da trajetória de vida de João Nery tem como finalidade jogar luz no caráter cultural presente na forma como se entende e se interpreta as categorias de gênero. Desse modo, ao se admitir a masculinidade como um processo construído socialmente, as explicações de cunho naturalistas/biologicistas perdem a característica de verdade absoluta sobre o fenômeno masculinidade, e passa ser encarada como um processo cultural, forjado na interação entre atores e instituições sociais, fazendo da trajetória de um indivíduo como João Nery, uma importante ferramenta para a compreensão das normas de gênero.

A escolha da experiência de masculinidade transexual, ocorre pelo fato de nessas vivências ser possível observar de maneira mais acurada o caráter sócio cultural que envolve a fabricação da masculinidade, ou seja, a dinâmica de ser interpretado e aceito como “homem” dentro de uma sociedade pautada pelo binarismo de gênero. Nesse sentido, aposta-se que a transexualidade masculina poderia se tornar um *locus* privilegiado de observação dessa dinâmica, tendo em vista que esses indivíduos, inicialmente eram classificados como mulheres, a partir de padrões fornecidos pela cultura, mas por meio das transformações promovidas em seus corpos, se tornam indivíduos que passam com sucesso a serem percebidos e encarados como homens por essa mesma sociedade. Sendo ainda importante se dizer, que o homem transexual, nesse processo de adequação social, teria mais sucesso do que aqueles indivíduos que promovem a transição contrária, do gênero masculino para o feminino (ALMEIDA, 2012).

Outro aspecto importante a ser aqui destacado, é que para o desenvolvimento da pesquisa, o caráter “exótico” da transexualidade masculina, é abandonado, tornando-a uma possibilidade de masculinidade real e legítima, dentre as diversas outras que compõem o universo das relações de gênero dentro da sociedade. Nesse sentido, a noção de masculinidade, é aqui despida do seu caráter natural/universal, e se torna um objeto passível de reflexões e tensionamentos como qualquer outro elemento constituidor da realidade social.

O texto é organizado em seis partes: a primeira trata da apresentação da perspectiva que orienta e legitima a escolha do tema, bem como a validação da autobiografia como um objeto de estudo autêntico para o cientista social, e a apresentação da transformação do

paradigma em torno do gênero biográfico, tendo como finalidade a construção e delimitação do problema de pesquisa.

A segunda parte expõe os marcos epistemológicos das discussões a serem realizadas, fazendo-o por intermédio de um histórico da emergência do gênero como objeto científico e das proposições que elegeram a mulher como objeto dessa ciência, processos que juntamente com o crescimento das reivindicações das minorias LGBT, derivam os estudos sobre a masculinidade. É realizada também nessa seção um debate em torno da importância de se tensionar a noção de desvio como categoria relevante, ou não, para se pensar as dinâmicas desempenhadas entre modelos de masculinidades hegemônicas e subordinadas.

A terceira parte é destinada a uma reflexão acerca do corpo como um objeto de interesse das ciências humanas para se pensar a realidade social, principalmente em função da importância que esse adquire na experiência de vida dos atores na contemporaneidade. Perspectiva influenciada pela emergência do paradigma individualista, e pelo que autores como Louis Dumont (1992) definem como o processo de inversão hierárquica que transforma de maneira definitiva a forma como os indivíduos se relacionam com a sociedade. Debate que para a compreensão das dinâmicas das relações de gênero adquirem a centralidade. Acompanhando nessa reflexão a transformação de paradigmas em torno da noção de corpo até esse se tornar um espaço de legislação do Estado como ocorre desde a modernidade.

A quarta parte tem como proposta apresentar e retratar o personagem principal, fazendo-o por meio de suas lembranças de infância e as primeiras impressões acerca de sua condição, passando pela falta de identificação na adolescência e o desenvolvimento das primeiras estratégias de sobrevivência.

Na quinta parte, por meio da experiência de pioneirismo e de clandestinidade de João Nery, é realizada a comparação do contexto atual com o contexto no qual ele realizou sua transição, apontando para as especificidades que constituem sua biografia, características que são fundamentais para que sua história pudesse de fato ocorrer da forma como ocorreu, explorando principalmente os avanços que podem ser observados entre o momento de sua transição e os dias de hoje no âmbito social e contextos mais específicos como o sistema de saúde e o sistema jurídico, tendo nessa empreitada como informante privilegiado o próprio ator do percurso.

E na última parte, são abordados os recursos físicos e subjetivos acionados por João em seu empreendimento de ser percebido socialmente como um homem, procurando apontar as semelhanças que esses dispositivos generificados apresentam com aqueles que são mobilizados por indivíduos não transexuais.

1 METODOLOGIA

1.1 Uma parte do todo

Para a presente investigação, a proposta metodológica do uso da história de vida, tal como proposta por Howard Beker (1997), apresenta-se como uma alternativa de grande utilidade, tendo em vista, que a potência e o alcance de tal instrumento, só poderia ser comparada, segundo o autor, aquele proporcionado pela observação participante, quando se tem como objeto um processo social complexo e dinâmico (BECKER, 1997), como ocorre com a masculinidade enquanto um fenômeno social. Desse modo a história de vida mostra-se uma ferramenta útil para se conseguir enxergar determinadas passagens da vida do indivíduo tendo como ponto de observação o próprio ponto de vista do interlocutor da pesquisa.

Por meio da reconstrução da trajetória de vida de João Nery, narrada em suas duas autobiografias, pretende-se analisar as dinâmicas acionadas pelo autor para a construção de si, e a adequação de seu corpo ao padrão cultural vigente de masculinidade. Ao focar em uma história específica, tem-se por objetivo jogar luz na experiência de construção social da masculinidade, fazendo-o nesse trabalho, por meio da ótica de indivíduos transexuais masculinos, ou homens transexuais, tomando a narrativa de um desses atores como objeto privilegiado de análise.

Acredita-se assim, que a história de vida de João Nery pode tornar-se mais uma peça importante para a compreensão do grande e diversificado “mosaico” das relações de gênero no país, e principalmente, supondo-se que ela também pode tornar-se um elemento relevante para o melhor entendimento da identidade masculina local, assim como ela pode contribuir também para o avanço dos estudos sobre as várias possibilidades de masculinidades dentro da sociedade brasileira.

Tendo com premissa a noção de que apenas ao se ampliar o campo de possibilidades de se vivenciar a experiência masculina, é que poderia se chegar de fato a uma melhor compreensão dessa como um fenômeno social. Somente “quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros” (BECKER, 1997; p: 104). A partir dessa perspectiva, pensar a masculinidade transexual torna-se um exercício para a compreensão do fenômeno da masculinidade como um todo, tal como um fenômeno multifacetado e plural que

o é, tanto no que diz respeito a construção de si de homens transexuais, quanto nos processos empreendidos por homens não trans.

Assim, a partir de uma experiência particular, o percurso de vida de João Nery, procura-se compreender as dinâmicas estruturais que organizam a sociedade, no que diz respeito as relações de gênero. Promovendo, nesse sentido, um movimento que parte do particular/singular para o geral, do local em direção ao universal. Desse modo, a trajetória de João Nery, se torna uma ferramenta importante para se compreender a forma como a sociedade brasileira organiza e vivencia as relações de gênero, e mais especificamente as formas como os homens brasileiros constituem e reconstituem suas identidades masculinas.

Em um exercício reflexivo e teórico, que parte da hipótese de que ao se reconstruir a história de vida de um ator em particular, se poderia compreender, o menos em alguma medida, a dinâmica social de uma maneira mais ampla. E nesse caso em específico, a partir da narrativa de João, procura-se compreender quais são os processos que fazem com que um indivíduo seja de fato aceito como homem, de acordo com o padrão estético e cultural do que vem a ser o homem brasileiro.

O uso de biografias por pesquisadores do campo das ciências sociais não permite supor que o discurso apresentado por um autor, em seu texto autobiográfico, diga respeito à totalidade de suas experiências ao longo de sua vida. Essa narrativa deve ser sempre encarada como uma parte editada da história que está sendo contada, eleita dentre diversas outras por uma opção pessoal do autor.

O autor autobiográfico se propõe a explicar sua vida para nós, se comprometendo, assim, com a manutenção de uma estreita conexão entre a história que conta e aquilo que uma investigação objetiva poderia descobrir. Entretanto, quando lemos uma autobiografia, estamos sempre conscientes de que o autor só nos está contando uma parte da história, que selecionou seu material de modo a apresentá-lo com o retrato de si que preferiria que tivéssemos e que pode ser ignorado o que poderia ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para nós. (BECKER, 1997, p. 102)

Assim o sendo, o discurso de João Nery é encarado aqui como uma versão que o autor apresenta de si para o mundo. E a partir das interpretações pessoais do autor acerca de sua trajetória de vida, o presente trabalho toma suas autobiografias como documentos legítimos para se compreender a maneira como se dá o processo de construção social da masculinidade do homem brasileiro, dentro do recorte social e temporal que a experiência do autor nos permite observar. E desse modo, se torna uma ferramenta para se pensar a dinâmica das

interações sociais e das relações de gênero no país, ao menos para o segmento social que o objeto nos permite pensar, aquele do qual João Nery faz parte, a classe média urbana.

Por fim, um último esclarecimento se faz aqui necessário, como uma estratégia e também um desafio metodológico pessoal, decidiu-se pela não realização de entrevistas com João Nery, e desse modo todo o material empírico aqui mobilizado é extraído de suas duas autobiografias publicadas e comercializadas no mercado literário brasileiro convencional. Tal escolha se faz por acreditar que o rico material fornecido pelo autor em suas obras seria o suficiente para a compreensão de sua trajetória.

1.2 A autobiografia: o estilo do indivíduo comum

O uso das autobiografias publicadas por João Nery tem como motivação o caráter singular que sua trajetória de vida representa. João nasceu em um período marcado pelo conservadorismo na história do país, teve a infância fortemente influenciada pelo sofrimento de não se enquadrar nos padrões de comportamento de sua época. Já na vida adulta concebe-se como um homem transexual, e aos vinte e sete anos de idade promove a transição do gênero feminino para o masculino, algo ainda novo para a medicina e ilegal para a justiça brasileira da época. A partir de então tem sua vida transformada de maneira radical. A escrita de biografias e autobiografias, enquanto gênero literário, não é algo recente na história da literatura, contudo, a forma como ocorre a recepção social vem se transformando ao longo do tempo.

O surgimento das autobiografias como estilo literário da forma, e principalmente na escala que se conhece hoje, é recente na história da literatura ocidental. De acordo com Huyssen (2000) esse é um fenômeno que ganha força a partir da segunda guerra mundial, principalmente a partir da década de 1960, período em que surge necessidade de contar os horrores das experiências de dor causada pela guerra, e com isso os relatos individuais adquirem força e protagonismo no mundo ocidental. As escritas referenciais passam a ser de certa forma incentivadas, como um formato alternativo de se contar a história. E a partir de 1980 passando a figurar também como um recurso fundamental para o campo da historiografia, principalmente pela capacidade de articulação entre a esfera individual e a coletiva que a narrativa biográfica é capaz de proporcionar (GOMES & SCHMIDT, 2009).

Outro aspecto importante acerca da escrita autobiográfica é a transformação que o estilo sofreu, da escrita de memórias para a narrativa de testemunho, aqui representado pela autobiografia de Nery. Enquanto a publicação das memórias durante muito tempo era reservada às grandes personalidades da sociedade, a autobiografia foi a ferramenta que permitiu que o indivíduo comum passasse a poder falar de si e de suas experiências. Nesse sentido, ocorreu uma revolução, através de uma democratização do direito de poder falar de si, paradigma que a autobiografia instaurou na sociedade ocidental. Principalmente no período do pós-guerra, e todo o debate do período, as vidas dos indivíduos comuns, se tornaram experiências dignas de serem contadas. Sobre essa nova perspectiva do falar de si, Antônio Gramsci afirma que:

Muitas vezes, as autobiografias são um ato de orgulho: acredita-se que a própria vida é digna de ser narrada porque “original”, diferente das outras, etc. A autobiografia pode ser concebida “politicamente”. Sabe-se que a própria vida é semelhante a mil outras vidas, mas que por “acaso” ela tomou uma direção que as outras mil não podiam tomar e de fato não tomaram. Narrando, cria-se essa possibilidade, sugere-se o processo, indica-se a direção. (GRAMSCI, 2001, p. 126)

A partir da democratização do direito de falar de si, e da transformação a história de vida de um indivíduo até então comum, ordinário, em algo que poderia ser concebido politicamente, a autobiografia passa a gozar de legitimidade também enquanto gênero literário, servindo como fonte de informação histórica e política para a compreensão de determinado contexto social. Ocorre nesse sentido uma significativa transformação de paradigma e o texto autobiográfico passa a gozar de um status de documento legítimo de uma época.

Todavia, para que a autobiografia seja considerada um registro fidedigno de informação, é necessário o estabelecimento do “pacto biográfico”, que é o contrato estabelecido entre o autor e o leitor da biografia, acerca da veracidade do conteúdo apresentado na obra, seria o acordo de que o que está sendo ali apresentado trata da verdade dos fatos (LEJEUNE, 2014). Entretanto, é importante se salientar que com ambas as partes envolvidas nesse processo de interlocução, admitindo a existência de prováveis esquecimentos oriundos dos arranjos da memória do autor autobiográfico.

No caso do cientista social que resolve eleger a autobiografia como objeto de estudo, tendo sempre a consciência da possibilidade de supressão de fatos por escolha inclusive do próprio autor, como afirma Becker (1997). E nesse caso, é o próprio João quem chama a atenção para essa realidade quando afirma que:

Esta não é propriamente a história da minha vida, mas da minha sexualidade. Alguns fatos – que talvez façam falta- foram esquecidos; outros, omitidos pelo meu “filtro” de interesse e outros ainda, modificados, para não comprometer ninguém. (NERY, 1984, p.07)

A passagem aponta a total clareza de Nery quanto ao empreendimento o qual estava disposto a executar. Ao desarticular qualquer possibilidade de crítica acerca da veracidade dos fatos que ele estava narrando, João assegura de antemão a legitimidade de sua obra como um documento legítimo.

Sua narrativa goza dessa forma de todas as características de um texto autobiográfico, mais do que uma obra puramente pertencente ao gênero literário, ela pode ser encarada como um documento político oriundo de um contexto histórico específico. Capaz de indicar uma direção para outros indivíduos que porventura se encontrem desorientados em suas trajetórias individuais, funcionando como uma espécie de bússola para as novas gerações de homens transexuais, tal como proposto por Gramsci (2001). Fazendo da narrativa de si empreendida pelo autor, um objeto de análise legítimo para o cientista social pensar a sociedade na qual ela foi elaborada, bem como seus impactos na trajetória de outros indivíduos.

A obra autobiográfica de João Nery goza ainda de uma especificidade que a torna, em certa medida, um importante acervo para se pensar a sociedade brasileira dentro de um recorte temporal bastante expressivo. Na realidade ela se trata de dois trabalhos publicados com um espaço significativo de tempo, de quase trinta anos, o que possibilita o acesso a dois contextos distintos da sociedade brasileira, tendo sido o primeiro livro publicado em um cenário no qual o país passava por grandes transformações.

Nos meios de militância e da busca de direitos pela comunidade transexual no Brasil, as obras de João Nery, gozam de status histórico, sendo inclusive apontada como um fator de influência da entrada de muitos indivíduos no cenário da militância da causa trans no país (CARVALHO, 2015). O que aponta para a relevância da obra enquanto uma ferramenta de verdadeira transformação social para muitas pessoas direta ou indiretamente ligadas a causa transexual no país.

Segundo Ávila (2014) desde a década de 1960 observa-se um aumento das publicações de autobiografias com trajetórias de transexuais, com especial intensificação a partir da década de 1990, a autora traça um importante apanhado de tais publicações das quais destaca-se talvez a mais conhecida, a do americano Jamison Green de 2004 intitulada “*Becoming a Visible Man*”.

Sobre essa realidade do aumento dos relatos das trajetórias de vida de transexuais por meio da publicação de suas experiências individuais, bem como sobre o impacto dessa maior visibilização¹ principalmente dos homens transexuais, Simone Ávila (2014) afirma que esse:

“espaço biográfico” composto por autobiografias trans, documentários, entrevistas, mídias digitais e televisivas e redes sociais virtuais tem se constituído como modos de visibilidade de transhomens, no qual não só circulam diferentes discursos sobre ser trans como também os ressignificam. É possível perceber que o uso das mídias digitais e redes sociais se dá principalmente por transhomens jovens, que ao mesmo tempo em que compartilham coletivamente suas experiências na construção de masculinidades, produzindo discursos e linguagens que se contrapõem aos discursos essencialistas e patologizantes e mostrando que é possível vivenciar a transexualidade para além dos binarismos rígidos de gênero, revelam os embates e contradições na produção de transmasculinidades brasileiras. (ÁVILA, 2014, p. 172)

No Brasil também é possível se notar esse aumento de visibilidade, partir da primeira da primeira publicação de Nery, vários outros indivíduos transexuais também conseguiram tornar pública suas trajetórias de vida e de transição de gênero, como é o caso de Jordan Lessa, também um homem transexual que em 2014 publicou sua autobiografia intitulada “Eu trans: A alça da bolsa, Relatos de um transexual”. E no caso das novas gerações é cada vez mais comum que jovens homens transexuais recorram aos meios virtuais como as redes sociais e canais de vídeo da internet, para que possam contar suas experiências de vida. Para que possam exercer seu direito de falar de si, apontando para mais uma transformação do gênero biográfico no tecnológico e informatizado século XXI.

1.3 “Erro de pessoa” X “Viagem Solitária”²

Comparar as duas versões de biografias publicadas por Nery, é crucial para que se possa compreender melhor sua trajetória de vida. É um exercício que ajuda a pensar o próprio contexto social brasileiro, já que um espaço de tempo considerável separa as duas publicações. A primeira versão da biografia, intitulada “Erro de pessoa: Joana ou Joao” foi

¹ - Em 2017 foi ao ar na principal rede de televisão do país uma telenovela que tinha como um dos personagens principais um jovem homem transexual, que teve sua história inspirada na trajetória de João Nery. Além de o autor ter atuado como consultor para elaboração da narrativa da personagem.

² - Cabe aqui um agradecimento à banca de qualificação pela indicação da primeira obra publicada originalmente em 1984, bem como a sugestão de sua inclusão, o que se mostrou fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

publicada originalmente em 1984, período conturbado na história do país, que vivia sob o regime de ditadura militar. A liberdade de expressão era seriamente comprometida e cerceada, o que refletia diretamente nas obras que eram publicadas no país durante o período. Diante desse cenário, a primeira versão da obra foi assim publicada sob pseudônimo, como também observado por Carvalho (2015) e Ávila (2014). João W. Nery é um pseudônimo criado nesse período, sendo o nome registrado na nova certidão de nascimento de conhecimento apenas dos familiares e amigos mais próximos. Ele explica essa situação logo no início da primeira obra da seguinte forma:

Em meados de 1984, o Presidente não sancionou a lei (aprovada na câmara e no senado), que permitiria as cirurgias transgenitais. Atualmente, apenas uma dúzia de países, entre os mais desenvolvidos, aprovam estas operações, respeitando o transexual e reconhecendo a sua conseqüente mudança de identidade sexo-social. Em decorrência, usei pseudônimo para assinar a obra, assim como os nomes e alguns dados dos personagens são fictícios. (NERY, 1984, p.07)

Tal contexto impediu que na divulgação do primeiro livro o autor pudesse aparecer diante das câmeras para a divulgação da obra, como atesta João Nery já na segunda versão da obra de 2011 publicada com o título de “Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”, em função do grande conservadorismo que pautava a sociedade brasileira nessa época. Um questionamento pertinente levantado por Ávila (2014) para o qual também não se encontra uma explicação clara nessa análise é o porquê de na publicação de 2011, com o país vivenciando outro contexto político de maior abertura, o pseudônimo da primeira obra foi mantido, uma justificativa possível levantada aqui seria o fato da identidade do autor já se encontrar difundida no cenário nacional como João W. Nery.

O óbvio contraste do cenário político nacional no período de cada publicação, pesa também como fator de distinção das obras, influenciado por uma maior visibilidade e recepção das temáticas relacionadas a sexualidade e gênero na sociedade brasileira. As discussões de gênero também sofisticaram-se no âmbito da academia, e nesse sentido conceitos foram atualizados e ressignificados, o que faz com que alguns termos soem agressivos e ultrapassados na primeira obra e não figurem da mesma forma na segunda. Bem como pelo fato de o autor na publicação de 2011 já contar com uma maior notoriedade na sociedade brasileira, principalmente nos espaços de militância LGBT, o que poderia ser aventado como uma das explicações possíveis para um maior cuidado com os termos mobilizados na segunda obra.

Quando se comprara os livros, o título de cada uma das obras surge como uma importante marca de distinção, enquanto o título da primeira, *Erro de pessoa*, sugeriria ao leitor um incomodo quase anômalo, o da segunda, *Viagem solitária*, já passaria uma noção de algo mais leve e fluído, de menos recusa. Interpretação que leva a crer que o intervalo que separa a publicação dos dois livros, teria sido importante para a construção da própria forma como o autor elabora sua trajetória de vida. Outra diferença significativa entre as duas publicações pode ser percebida já na capa, enquanto a primeira traz como ilustração os símbolos de masculino e feminino entrelaçados, na segunda o símbolo é substituído por fotos de Joao Nery ainda jovem antes e depois da transição.

Por fim, no que diz respeito ao conteúdo, *Viagem solitária*, como era de se esperar, cobre uma extensão temporal maior na vida de João, já que em *Erro de pessoa* sua narrativa termina com a realização das cirurgias, na segunda o autor tem a possibilidade de elaborar melhor o processo ao qual se submeteu. E desse modo, para a execução do presente trabalho, privilegiou-se a publicação de 2011, *Viagem Solitária*, como principal fonte de consulta, em função de sua maior riqueza de detalhes e por contemplar um maior período cronológico da vida de seu autor.

Em *Viagem Solitária*, além do distanciamento que o passar dos anos permite, João Nery tem a oportunidade de abordar sua experiência como pai, algo que segundo ele é central para a construção de sua identidade atual. Como também, é na segunda obra que Nery tem a possibilidade de expor aspectos importantes sobre a transformação de paradigmas em torno das transidentidades, que nesse intervalo saíram da arena da clandestinidade e conquistaram o espaço da cidadania legítima, segundo o ponto de vista do autor, características que fazem com que suas obras possuam grande poder de reverberação nos espaços de militância no país. Acerca desse impacto das obras de João, Mario Felipe Carvalho (2015) é enfático ao afirmar que:

A popularidade que tanto a obra quanto a imagem de João W. Nery adquiriam fortaleceu as possibilidades de visibilidade de homens trans, conforme reivindicada pelos ativistas presentes na arena política. Esta visibilidade teria, portanto, um sentido mais bruto de “nós existimos”. A viagem, que para João foi solitária, já não precisa mais ser para aqueles que hoje podem, através de vários meios, construir redes e fraternidades que possibilitam uma existência coletiva. (Carvalho, 2015, p.156)

Desse modo, concorda-se aqui com a proposição de que os homens transexuais de hoje já não se encontram tão solitários quanto foi a jornada de João Nery, ou seja, nos dias atuais esses indivíduos já contam com referenciais identitários importantes para a construção de suas

identidades. Contudo, nesse momento se faz fundamental o questionamento se essa construção de identidade dos homens transexuais seria de fato uma experiência significativamente contrastiva em relação àquelas empreendidas por homens não transexuais, ou seja, se seria essa de fato uma “viagem solitária” empreendida apenas por “erros de pessoas”.

2 MASCULINIDADE X MASCULINIDADES

2.1 Histórico do gênero conjugado no masculino

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”, com a célebre frase de Simone de Beauvoir (1949) debuta-se na discussão acerca da construção social do gênero em nossa sociedade. Torna-se imperativo a transposição da proposição de Beauvoir também para o universo masculino. Também não se nasce homem, torna-se homem, e mais do que isso, aprende-se cotidianamente como ser e agir como um homem dentro dos padrões de inteligibilidade de uma determinada cultura.

Para tanto é necessário um recuo teórico e histórico para que se possa observar o percurso do conceito de gênero ao longo do desenvolvimento das ciências sociais enquanto disciplina até se tornar objeto de interesse da antropologia, para que então seja possível localizar o contexto de emergência do gênero masculino e da masculinidade como objetos legítimos de interesse científico e passível de questionamento e reflexão. (HEILBORN & CARRARA, 1996).

As discussões sobre o que hoje se denomina como o conceito de gênero no campo das ciências humanas, têm como marco inaugural o trabalho de Margareth Mead (1914/1935), antropóloga norte americana, que, ao abordar as relações de gênero estabelecidas dentro de três comunidades tradicionais (os Arapesh, os Mundugumor e os Thambuli) da Nova Guiné, utilizou-se das categorias de sexo e temperamento, dando os passos iniciais do que viria ser definido como gênero anos mais tarde. Com isso, Mead ao propor que as concepções de masculino e feminino seriam categorias passíveis de variações em função de cada contexto, introduz a problematização da biologia como modelo de explicação e determinação dos papéis sexuais, proposta responsável por transformar o gênero em um objeto de interesse da antropologia ao promover a ruptura com o modelo de explicação determinista para as diferenças entre os sexos ao atribuir à cultura um papel central na produção dessas supostas diferenças. Tal como nos informa Mead:

Comparando o modo como dramatizaram a diferença de sexo, é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes aos fatos biológicos do gênero de sexo. (MEAD, 2014, p. 22)

Tal perspectiva foi responsável por influenciar de maneira definitiva os estudos das relações sociais e de gênero, ao desnaturalizar a interação homem/mulher, assim como os papéis desempenhados e as expectativas direcionadas a ambos dentro da sociedade.

Quando nos detemos mais especificamente sobre a posição que o masculino e a masculinidade ocupam dentro do pensamento antropológico, o trabalho de Gregory Bateson surge como o ponto de partida para se pensar a masculinidade enquanto uma categoria que é construída na interação dos indivíduos e, em função disso passível de modificações e reinterpretções em diferentes contextos (LIPSET, 2009). Em “*Naven*” de 1936, Bateson apresenta os processos de transformação que a experiência de masculinidade sofria entre os nativos da região da Nova Guiné, durante o ritual do *naven*, que dá nome a obra.

Durante esses rituais as regras hierárquicas dos papéis sexuais eram diametralmente subvertidas, transformação extremamente significativa em uma sociedade marcadamente patriarcal, e regida por um *ethos* de virilidade guerreira. A principal contribuição de Bateson para os estudos da masculinidade vem de sua proposta de se pensar a masculinidade entre os seus interlocutores de pesquisa como uma categoria subjetiva, relacional e performática, e não como uma forma monolítica de se estar no mundo, diferentemente do que era proposto até então. Com essa experiência de vivência do gênero masculino, na sociedade por ele descrita, podendo inclusive ser vivenciada por indivíduos pertencentes a ambos os sexos. Perspectiva como se pode perceber bastante inovadora para a ciência da época.

No entanto, mesmo com esse impulso inicial, o exercício de se pensar o masculino como uma categoria de análise da realidade social parece ter sido durante muito tempo deixado de lado, em detrimento dos estudos sobre as mulheres (*women's studies*). Em grande medida pelo fato de o conhecimento científico ser sempre um fenômeno político e social, que é ao mesmo tempo influenciado e resultado pelo *Zeitgeist*. Assim o conhecimento científico do período era ele também responsável por reforçar os estereótipos e as expectativas de gênero da sociedade da época. E com isso, o homem, e logo, o masculino, é encarado durante um longo período como a categoria universal de sujeito, numa espécie de “tipo ideal” de indivíduo, e em função disso não sendo necessárias reflexões teóricas sobre sua condição (HEILBORN & CARRARA, 1998). De acordo com Gutmann (1999), a respeito da forma como o homem é apresentado nos trabalhos desse período, ou a questão da masculinidade é ignorada enquanto uma categoria social ou ela é a própria norma social imposta.

Como resultado da perspectiva dessa época, observa-se um verdadeiro hiato nas produções acadêmicas sobre gênero e masculinidade, sendo necessário com isso recorrer às formulações estruturais funcionalistas de explicação da realidade social, tal como a

desenvolvida por Talcott Parsons (1956). No que diz respeito as relações de gênero, a perspectiva que dominou o período, foram as formulações funcionalistas sobre papéis sociais, que se desdobraram em papéis sexuais. Segundo essa perspectiva funcional, os indivíduos exerceriam suas funções sociais incorporando as normas e os valores da sociedade, desempenhando sempre seus “papéis” de acordo com essas mesmas normas. Proposições que foram usadas como fonte de explicação para a diferenciação homem/mulher, nas quais, de acordo com a perspectiva *parsoniana*, esses papéis seriam o fruto de um aprendizado contínuo, adquirido por meio da socialização dos indivíduos. Propostas que mais tarde, foram duramente criticadas, por seu viés de androcentrismo, e sob a acusação de funcionar como ferramenta de legitimação das desigualdades entre homens e mulheres na sociedade. Além da crítica etnocêntrica, pelo fato de as formulações de Parsons basearem-se em um modelo de explicação norte americano de família, e em função disso negligenciar outras realidades distintas (OLIVEIRA & AMANCIO, 2002).

As discussões acadêmicas, do campo da antropologia principalmente, a partir da década de 1970 são tomadas pelos trabalhos de cunho feminista, que intencionavam uma melhor compreensão da condição da mulher na sociedade e principalmente do papel que lhe era imposto na, e pela estrutura social (HEILBORN, 1993).

A discussão em torno do gênero é tributária da invasão que os estudos acadêmicos sofreram a partir dos 70 pela problemática da ‘mulher’. A entrada maciça dessa questão na academia correlaciona-se com o (re)surgimento do movimento feminista no final da década de 60. Dessa maneira, o debate por parte de antropólogas afinadas com tal ideário esta vincado pela discussão da propalada secundaridade feminina em termos do conjunto de sociedades conhecidas. (HEILBORN, 1993, p.51,52)

Um desses trabalhos que são fundamentais para o desenvolvimento teórico da noção de gênero desse período, trata-se do clássico trabalho de Gayle Rubin de 1975, no qual a autora procura analisar a relação de opressão e subordinação vivenciadas pelas mulheres em relação aos homens, onde a autora se depara com a recorrente dicotomia natureza/cultura, como a causa explicativa da relação hierárquica entre os gêneros, na qual a vida social seria a arena natural de subordinação das mulheres. Nesse sentido Rubin formula a noção de um sistema operacional de sexo/gênero, como forma de explicação dessa realidade, no qual o sexo diria respeito a diferenciação biológica macho/fêmea, e o gênero seria a representação social do masculino (homem) e do feminino (mulher). Que tem como um de seus argumentos a proposição de que esse sistema sexo/gênero seria o processo de transformação de algo da ordem biológica (o sexo) em algo cultural (o gênero) (RUBIN, 1975).

A partir de tal perspectiva, as formulações em torno do gênero passaram a atribuir à cultura um papel relevante dentro das concepções de masculino e feminino, como afirma Heilborn: “O termo convencionalizado significa a dimensão dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos em contraste com a dimensão anátomo-fisiológica dos seres humanos” (HEILBORN, 1993; p: 51). Para quem, tal transformação de paradigma aponta para a ruptura com a explicação essencialista e representa o abandono da perspectiva dos papéis sexuais do período anterior. Entretanto, no que diz respeito ao contexto brasileiro, é somente a partir da década seguinte, já na década de 1980, que o termo “mulher” é substituído pelo conceito de gênero dentro do debate acadêmico, e a condição masculina passa a de fato ser problematizada (HEILBORN & SORJ, 1999).

Os estudos de gênero mais recentemente voltaram para o centro do debate acadêmico com a ascensão das perspectivas que se auto definem como pós-construcionistas. Paradigma que tem na filósofa Judith Butler (2014) um de seus nomes mais proeminentes. Para a autora o sexo é sempre uma categoria normativa, e o gênero uma paródia para a qual não existe um original, que existiria de fato em torno do gênero seriam performances generificadas, que poderiam ser definidas como processos de reiteração das normas de gênero. Para a autora:

O gênero deve ser construído como uma identidade estável ou um lócus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. (BUTLER, 2014, p. 200)

Já no que diz respeito à masculinidade propriamente dita, um marco importante do desenvolvimento teórico ocorre na década de 1980. Quando em 1987, Raewyn Connel, então Robert Connel, publica *Gender & Power*, trabalho no qual procura desvendar as dinâmicas envolvidas no processo de construção de masculinidades hegemônicas, e no que ela define como um *fato estrutural global*, o domínio dos homens sobre as mulheres. Em um trabalho mais recente onde a autora revisita o texto original, Connel em parceria com Messerschmidt nos informam que:

O conceito de masculinidade hegemônica foi originalmente formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica – prontamente renomeada de “feminilidade enfatizada” para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal do gênero. No desenvolvimento de pesquisas sobre homens e masculinidades, essa relação saiu de foco. Isso é lastimável por mais de uma razão. O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade. (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 165)

Em obra posterior, Connel (1995) procura questionar a própria noção de masculinidade, indicando o caráter ficcional da categoria, ao se distanciar dos determinismos sociais e biológicos de explicação das diferenças entre homens e mulheres. Sem abandonar a perspectiva que reconhece o caráter hierárquico das relações de gênero, que ocasiona a realidade de submissão das mulheres, a autora propõe se pensar os gêneros como categorias que seriam na realidade relacionais, onde tanto a masculinidade quanto a feminilidade, seriam realidades construídas histórica, social e discursivamente por meio da interação dos indivíduos.

A autora assinala não existir somente uma hierarquia operando nas relações entre homens e mulheres dentro da sociedade; segundo ela, existe conjuntamente um complexo sistema hierárquico estabelecido entre as masculinidades hegemônicas e as masculinidades subordinadas. No qual o modelo de masculinidade hegemônico é aquele representado pelo homem branco, heterossexual e de classe média. Segundo Connel, esse padrão hegemônico é construído em relação a vários modelos de masculinidades subordinadas, bem como em relação às mulheres, em processos contínuos baseados na interação entre os indivíduos (CONNEL, 1987).

Com isso os estudos sobre a masculinidade, ou *men's studies*, ou ainda estudos masculinistas (SILVA, 2006), só se tornam possíveis em função do debate feminista e da produção acadêmica, e mais tarde em função também do surgimento das reivindicações por direitos civis do movimento LGBT, e a ascensão da mulher à vida pública por meio da inserção no mercado de trabalho (HEILBORN & CARRARA, 1996; OLIVEIRA, 1998). De acordo com alguns autores, o evento responsável por promover o homem e o masculino à categoria de objeto da ciência, seria uma crise da masculinidade provocada, entre outras razões por esse ingresso da mulher na vida pública, processo responsável por desencadear uma verdadeira crise no modelo tradicional de masculinidade (OLAVARRÍA, 2003; SILVA, 2006), ou em função da perda de privilégios sociais, responsável por fazer com que a masculinidade passasse a ser encarada como mais uma construção cultural (HEILBORN & CARRARA, 1996). Outro ponto de ruptura responsável por essa verdadeira transformação de paradigma nos estudos de gênero, foi o redirecionamento no foco dos estudos e de seus objetos, desviando a atenção dos desviantes para os que se enquadram à norma, para aqueles que até então gozavam do privilégio que só quem ocupa o topo da hierarquia é merecedor. E com isso a ênfase deixou de ser somente o universo feminino e/ou dos sexualmente desviantes e passou também a focar a análise das diversas formas possíveis de se experienciar o masculino na vida social (HEILBORN & CARRARA, 1996).

Fato é que nas últimas décadas observa-se uma verdadeira proliferação de estudos que buscam compreender as novas dinâmicas envolvidas nos processos de construção de masculinidade por esse dito “novo homem”, não só no âmbito das ciências sociais, como também no campo científico como um todo, tornando os estudos sobre o homem e as várias formas de masculinidades objetos científicos de interesse global, movimento responsável por colocar o homem e seu corpo no foco de análise. Estudos esses que buscam compreender como campanhas publicitárias prometem vender aos homens uma virilidade que pode ser alcançada por produtos voltados para o “homem de verdade” (FALCONNET & LEFAUCHEUR, 1977), assim como a observação dos processos de construção do masculino entre jovens aldeões trabalhadores de uma pedreira em um vilarejo português (VALE DE ALMEIDA, 1995) até estudos que buscam compreender as dinâmicas de construção masculinidades em ambientes corporativos, ao observar as ressignificações que as noções de masculinidade podem sofrer nesses ambientes, reelaboração que faz com que um novo modelo de como “ser homem” surja nesses ambientes, muitas vezes em oposição ao modelo hegemônico observado em outros contextos (CONNEL, 2013).

Raewyn Connel, uma das mais influentes pesquisadoras sobre masculinidade, em obra recentemente traduzida para o português (CONNEL, 2013), chama a atenção para a importância de se pensar os modelos de masculinidades em locais com histórico colonial, principalmente em países do hemisfério sul. Segundo ela, as experiências de masculinidade nesses contextos devem ser pensadas em seus próprios termos, tendo em vista as enormes diferenças entre o norte e o sul global, e entre colônia e metrópole, diferenças essas responsáveis por moldar a visão de mundo, e com isso ressignificar às dinâmicas de gênero dentro dessas sociedades.

Nesse sentido, a América Latina tem despontado nos últimos anos como um importante pólo de produção em torno da pluralidade de experiências de masculinidades. No Chile os estudos de Jose Olavarría (2003) sobre o impacto da globalização nas noções de masculinidade e nas reconfigurações das dinâmicas familiares têm tido reverberação nas produções sobre o tema em todo mundo. No México, as pesquisadoras Ana Amuchástegui e Ivonne Szaz (2007) têm discutido a multiplicidade de possibilidades da masculinidade e a polissemia que o termo tem adquirido nos últimos anos, e apontam para a necessidade de discutir a noção de masculinidade levando-se em consideração as particularidades do contexto mexicano, e apontam também para o equívoco de se associar indiscriminadamente masculinidade exclusivamente a homens. Mara Viveros (2001) destaca-se na Colômbia com

seu trabalho sobre o impacto da teoria feminista nos estudos sobre masculinidade, e as tensões nas relações de gênero diante da resistência masculina às mudanças sociais.

No Brasil, inúmeros trabalhos têm sido realizados acerca do universo masculino, cobrindo os mais diversos aspectos da experiência da masculinidade, como o trabalho pioneiro de Sócrates Nolasco (1993), pesquisa realizada com um grupo de homens na cidade do Rio de Janeiro sobre a condição masculina contemporânea e seus desafios, bem como a etnografia de Roberto Da Matta (2010), realizada no interior de Minas Gerais, sobre as brincadeiras em torno da sexualidade, ou atribuição da homossexualidade, entre rapazes, e o trabalho de Raquel Souza (2010), realizado na periferia de São Paulo com jovens negros, com interesse sobre as representações de masculinidades em contextos de periferia, ou ainda a pesquisa de Marcos Nascimento (2011) acerca das experiências de homosociabilidade entre homens heterossexuais e homens gays das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e as negociações estabelecidas nessa interação. Para citar apenas alguns desses trabalhos que vem sendo produzido no país, o que demonstra o vasto campo do debate no cenário brasileiro.

2.2 Novos dilemas ou um modelo em declínio?

A concepção corrente de masculinidade, em linhas gerais sempre se deu pela negação do feminino, de modo que ser homem é se afastar de maneira radical do que é tido como feminino, ou ainda, antes de qualquer coisa, ser homem é não ser ou parecer uma mulher (FALCONNET & LEFAUCHEUR, 1977; VALE DE ALMEIDA, 1995). Bardinter (1993) afirma ainda, que a masculinidade é um fenômeno social calcado em três grandes negações, a negação do feminino, a negação do homossexual e a negação da infância. Desse modo, o universo feminino, e qualquer categoria que possa a ele ser associado, se torna algo a ser evitado, restritivo, um universo que tem o poder de contagiar e comprometer a imagem de uma masculinidade pura. Uma das características mais importantes dessa concepção de masculinidade diz respeito à associação da masculinidade com a vida pública, com o que é exterior e a feminilidade, por oposição estaria associada à vida privada, ao âmbito doméstico.

Entretanto, essa característica tornou-se bastante ameaçada nas últimas décadas, por importantes conquistas feministas como o controle reprodutivo, e principalmente pela entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho. Transformação que provocou a desestabilização do *status quo* masculino, assim como a perda de certos “direitos sociais” que esse modelo

garantia (HEILBORN & CARRARA, 1996). Lena Lavinas (2001) em um de seus trabalhos, apontou inclusive para a diminuição de um problema histórico, a diferença de rendimentos, segundo a autora, durante o período observado por ela, foi possível se perceber uma tendência de equiparação entre homens e mulheres no que diz respeito aos ganhos no mercado de trabalho.

Diversos autores apontam para uma crise desse modelo tradicional de masculinidade, tal desestabilização responsável por levar esse “novo homem” a um conflito identitário (HEILBORN & CARRARA, 1998; NOLASCO, 1993; SILVA, 2006). Esse desequilíbrio do modelo tradicional estaria associado por mudanças como o avanço tecnológico, as transformações das sexualidades, ao processo de medicalização da masculinidade - através da criação da especialidade médica “saúde do homem” - entre outros fatores, fato é, que esse dito “homem moderno”, se já em nada se parece com o que era considerado masculino nas gerações anteriores, de seus pais e avós, também pouco tem em comum aos seus próprios pares contemporâneos.

Esse conflito identitário faz com que novos modelos de masculinidade surjam todos os dias, para abarcar esse “novo homem”. Que inclusive dentro dessa nova ordem social pode sim ficar em casa e ser sustentado pela esposa, pode agora também ser vaidoso, pode se preocupar com a saúde, com a criação dos filhos, enfim com questões que cada vez mais se aproximam àquelas características do modelo, que até bem pouco tempo, era atribuído como exclusividades do universo feminino. Assim Sócrates Nolasco é contundente ao nos afirmar que:

A transformação da identidade masculina não se limita, portanto, à revisão do funcionamento da sexualidade dos homens, com a identificação, agora, com o que a cultura definiu como feminino. Ela passa também, pela construção de um projeto no qual estarão sendo repensados o próprio modelo de funcionamento político e social em que estão inseridos homens e mulheres. (NOLASCO, 1993, p. 181)

Com isso, a perspectiva que orienta esse trabalho, deixa de lado o discurso “vitimário” que essa perspectiva sobre uma possível “crise de masculinidade” pode assumir, a qual se refere Pedro Paulo Oliveira (1998). Ao compreender esse processo, que alguns interpretam como “crise”, apenas como uma transformação de um padrão de subjetivação da identidade masculina. Transformação na qual, a identidade masculina, que sempre fora forjada pela oposição às mulheres e ao que é relacionado ao mundo feminino, no contexto contemporâneo se vê obrigada a se reinventar, tendo em vista que o que era interpretado e repassado, por meio da socialização dos meninos, “como coisas de homens” já não faz sentido dentro do

cenário atual, em uma dinâmica que mais uma vez evidencia o caráter plástico e contextual da masculinidade. Sendo assim, a crise que se apresenta para os homens, não diz respeito a uma inversão da hierarquia presente nas relações de gênero, o que de fato está em crise é o modelo tradicional e monolítico de masculinidade, esse sim com cada vez mais com a sua extinção anunciada, se não definitivamente, ao menos tendo seu fim como única possibilidade de se ser homem na sociedade sendo pressentido, e desse modo fazendo com que novos modelos de se ser homem surjam, ampliando o universo das masculinidades possíveis.

Por fim, a respeito dessa suposta “crise” de um modelo de masculinidade no contexto brasileiro, Roberto Da Matta (2010) fazendo uso de aguçada ironia afirma que o modelo de ideal de macho na sociedade brasileira sucumbe a uma “passada de mão no traseiro”, o que dito de outra forma significa que, a masculinidade do homem, e do brasileiro, é uma realidade construída e que carece de vigilância constante para seu sucesso.

2.3 Desvio e masculinidade

Segundo as formulações de R. Connel (1987) acerca da temática da masculinidade, a noção de masculinidade hegemônica, como modelo ideal de masculinidade não é um fenômeno que atinge somente as relações entre homens e mulheres. Ao se tornar um modelo a ser seguido, por todos os homens dentro da sociedade, ela proporciona inevitavelmente o aparecimento de masculinidades subordinadas, ou como na experiência transexual, até mesmo modelos de masculinidades que poderiam ser taxados de desviantes. Principalmente em contextos hierarquizados como o caso brasileiro, no qual a masculinidade por vezes se caracteriza como uma espécie de capital simbólico, passando a operar como uma ferramenta de distinção social, destinado aos dominadores/vencedores, em função da lógica patriarcal que organiza as relações sociais e de gênero. Esse modelo hegemônico, segundo Connel (1987) é caracterizado também pela inatingibilidade de seus padrões, quase alcançando o estatuto de uma fantasia, sem necessariamente ter que corresponder à realidade cotidiana da vida dos homens.

Ao analisarmos a experiência de homens transexuais, essa hierarquização entre os modelos de masculinidades, surge com um poder avassalador sobre esses indivíduos e suas vidas, ao hierarquizar homens transexuais e não transexuais numa supervalorização do biológico, onde só seriam aceitos como homens aqueles que “nasceram como homens”, o que

faz inclusive com que em alguns casos, como descrito por Guilherme Almeida (2012), esses indivíduos optem por não viverem de acordo com suas identidades de gênero masculinas, por medo de represálias em seus ambientes familiares, profissionais e sociais. Assim como ocorre com os homens transexuais entrevistados por Berenice Bento (2006) que admitem terem negado sua identidade de gênero masculina, ao ponto inclusive de terem mantido relações sexuais com outros homens em algum momento de suas vidas, como forma de manipulação dessa informação estigmatizante (GOFFMAN, 1975), nesse caso para não fossem identificados como homens transexuais. Ainda segundo Bento (2006), alguns mantinham suas identidades em segredo até mesmo de suas parceiras sexuais, por receio da reação à sua condição. Nesse sentido, a experiência da transexualidade masculina é sempre permeada pela tensão dos indivíduos desacreditáveis em não se tornarem desacreditados (GOFFMAN, 1975), por meio da manipulação do estigma transexual, sem que se atente para o fato de que esse estigma é um fenômeno que é sempre resultante de uma classificação social, no qual a identidade social do indivíduo, seja ela deteriorada ou não, é sempre uma preeminência da estrutura social, com isso toda a forma masculinidade é antes de tudo, um modelo desenhado pela cultura.

Assim como classificar a experiência transexual masculina como uma forma de estigma requer sempre que se tenha em mente o caráter social que tal categoria implica, ao pensá-la como desvio, e seus indivíduos como desviantes, se torna uma operação que requer igual exercício, tendo em vista, que assim como o estigma, o desvio também é uma categoria forjada na experiência de vida social dos indivíduos (BECKER, 2008). Cujos processos de rotulação dos sujeitos, como desviantes, é sempre um empreendimento delimitado por determinados grupos sociais, fazendo com isso do desvio uma categoria que é atribuída pelos indivíduos uns sobre os outros. Nesse sentido o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1985), um importante pensador da noção de desvio em nosso contexto, afirma que:

A noção básica é que não existe desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre atores (indivíduos e grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural. Trata-se, portanto, de um confronto entre acusadores e acusados. (VELHO, 1985, p. 22)

Ainda se pensando na noção de experiência desviante como categoria atribuída, é importante se ter em mente que quem elabora as regras são sempre os grupos constituídos por indivíduos que são detentores de um certo diferencial de poder, o que faz com que as relações de desvio estejam sempre, em maior ou menor escala, imbricadas em relações de poder. Ao se

pensar na experiência da transexualidade masculina, são essas relações de poder que são estabelecidas que fazem com que esses indivíduos omitam suas identidades em vários aspectos da vida social, e em algumas experiências faz com que esses indivíduos almejem que suas vidas se encaixem aos padrões hegemônicos (ALMEIDA, 2012), mesmo que esse padrão implique a exclusão de outras formas de se ser masculino.

Por fim, a experiência transexual masculina, apesar de poder ser considerada subordinada ou desviante, não necessariamente deve ser encarada como uma experiência contra hegemônica, como poderia automaticamente se supor, ao que Connel afirma que “homens feitos por si próprios podem buscar igualdade de gênero ou se oporem a ela como qualquer homem, não transexual.” (CONNEL, 2013, p:270). Isso significa dizer que, nesse processo de construção de si, como um homem, dentro de um modelo hegemônico patriarcal, muitas vezes esses indivíduos mesmo sendo desviantes, acabam por reproduzir modelos masculinos que podem por vezes reforçar as desigualdades e assimetrias entre os gêneros.

2.4 Os estereótipos latinos de masculinidades

A masculinidade, como apresentado até aqui, é um fenômeno marcado pela sua característica contextual, ou seja, ela é um fenômeno situacional. Considerar um modelo de masculinidade universal representa-se um equívoco, já que cada um desses modelos de masculinidade diz respeito a um contexto histórico e social que são sempre muito específicos. Pensar a masculinidade do homem brasileiro se mostra um exercício analítico para o qual a importação de categorias externas pode se apresentar como risco, ao pesquisador caberia então buscar sempre propostas que reflitam sobre realidades que sejam minimamente semelhantes à do Brasil.

Apesar de a masculinidade hegemônica tal como nos informa Connel (1987) ser um fato estrutural global, ela é passível de ressignificações de acordo com os contextos, e logo com isso, se faz necessário pensar em modelos de masculinidade que sejam também regionais.

[..]a masculinidade hegemônica regional dá forma a um sentido de realidade masculina em nível societal amplo e, portanto, opera no domínio cultural como material à disposição para ser atualizado, alterado e desafiado através da prática, em uma gama de circunstâncias locais diferentes. Uma masculinidade hegemônica regional fornece, então, uma estrutura cultural que pode ser materializada nas

práticas e nas interações cotidianas. (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267)

A interação entre modelos globais, regionais e locais produz cenários nos quais os padrões de masculinidades vão sendo elaborados e reelaborados, em um contínuo processo de resignificação. Em outro trabalho Connel (2016) chama a atenção para importância de se localizar os modelos locais de masculinidade dentro de uma perspectiva maior de observação:

As masculinidades são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. Esses padrões são criados por meio de um processo histórico de dimensões globais. A pesquisa “etnográfica” à moda antiga, que situava os padrões de gênero puramente em contexto local, não condiz com a realidade. (CONNEL, 2016, p. 94)

Dessa forma, ao se analisar as várias possibilidades de masculinidades dos brasileiros, e necessário tomá-la como uma realidade que está inserida também dentro de um regional, se tornando necessário aproximá-las dos demais padrões de masculinidade de homens latinos, de uma forma geral. Modelo esse que é frequentemente associado à cultura do machismo, um traço característico de sociedades marcadamente patriarcais, que dá origem à percepção do machismo “típicamente latino” (Gutmann, 1999). De acordo com Sócrates Nolasco:

O machismo é concebido como um fenômeno latino-americano que se manifesta em sua forma mais primitiva [Sic] em populações rurais e na classe trabalhadora. A ele associam-se ainda características a que se atribuem valores negativos, como dominação, agressividade, narcisismo e sexualidade incontrolada. (NOLASCO, 1993, p. 91).

A formulação de Nolasco acerca da masculinidade do homem brasileiro e da masculinidade latina de uma forma geral é de fato uma contribuição importante para o campo dos estudos masculinistas no país. Entretanto, duas ressalvas se fazem cruciais, a primeira delas é feita pelo próprio autor, que no desenvolvimento de seu trabalho reconhece que a ideologia do machismo não diz respeito somente aos homens; ela está incorporada na visão de mundo tanto de homens quanto de mulheres (NOLASCO, 1993). A segunda consideração a ser feita, é a associação apressada que o autor faz do machismo como sendo uma característica exclusiva das camadas mais pobres, ora, é amplamente sabido, talvez pouco reconhecido, a forma como a lógica machista penetra em todas as esferas da sociedade, independentemente da classe social, tornando-se em algumas circunstâncias até mesmo um traço institucional.

Um modelo regional de reflexão sobre padrões de masculinidade poderia ser expandido também para além dos limites das fronteiras geográficas, como por exemplo, para se pensar relações com países que não são próximos fisicamente, mas que apresentam características culturais semelhantes, como é o caso dos países latino americanos e os países do sul da Europa. Tal aproximação entre os modelos faz-se ainda mais importante, quando se tem como pressuposto a noção de que as identidades dos indivíduos da América Latina estão historicamente, associadas a esses países europeus em função da relação estabelecida entre colonizador/colonizado. Os modelos aqui encontrados tenderiam inevitavelmente a assemelhar-se com os modelos europeus (NOLASCO, 1993).

Com isso, os padrões de masculinidade adquirem traços muito semelhantes, um exemplo é a estreita relação que se estabelece entre as categorias de hombridade e honra na conformação do *ethos* masculino nessas sociedades. Peristiany (1971) aponta para uma grande valorização da noção de honra como um dos fatores de explicação para o estabelecimento de rígidos padrões sociais nas relações de gênero, e domínio masculino, ao analisar a sociedade mediterrânea, características que confluem consideravelmente com o modelo, de certa forma estereotipado, de masculinidade de um tipo ideal de homem brasileiro. Nolasco (1993) atribui também aos europeus outra característica associada a esse modelo local de se ser homem, a necessidade de reconhecimento público e o apelo para se ser carismático, atributos que também são associados ao estereótipo latino de masculinidade.

Desse modo, a construção da subjetividade da masculinidade do homem latino, ao menos aquela baseada no modelo tradicional, esteve sempre fortemente associada a uma grande assimetria nas relações de gênero, pautada na hierarquia entre homens e mulheres e principalmente na dominação dos homens sobre as mulheres. De certa forma, faz parte do imaginário coletivo a ideia do homem latino como o macho viril, ou o amante insaciável, imagem que é inclusive perpetrada pelo cinema e outros meios de comunicação mundo a fora, características que são sintetizadas no personagem libertino Dom Juan.

Contudo, esse modelo tradicional de masculinidade do homem latino, baseado nessa lógica explicativa do machismo e na supervalorização da virilidade como características centrais, também vem sendo ressignificado nas últimas décadas, podendo ser percebidas significativas transformações na constituição da identidade desses indivíduos, ao menos no âmbito das camadas médias urbanas (HEILBORN, 1992; NOLASCO, 1993; BENTO, 2013). Fazendo surgir uma dicotomia entre o modelo masculino tradicional e o padrão tido como o moderno, oposição marcada por meio da dissociação dos valores tradicionais transmitidos através da socialização e os valores que vão sendo assimilados ao longo de suas trajetórias de

vida, o que proporcionaria certa descontinuidade no processo socializatório desses indivíduos (BENTO, 2013).

Pretendeu-se até aqui, apontar para o caráter cultural que constitui a masculinidade, sendo essa uma categoria não só construída, como também desconstruída e ressignificada na interação com outros indivíduos, perspectiva que a distância de maneira definitiva das explicações que buscam nos determinismos da natureza ou da biologia, a resposta para as diferenças entre os gêneros. Vislumbrou-se demonstrar como os modelos de masculinidades são passíveis de alterações não só temporais ou regionais, como também situacionais, e como cada um desses modelos sofrem influências de marcadores sociais importantes na constituição das identidades, como raça, geração e classe. Desse modo, cabe somente enunciar “masculinidades”, como categoria que é essencialmente plural, mesmo que em um contexto local existe sempre a coexistência de inúmeras formas e possibilidades de se ser homem, seja na face transexual ou não.

3 CORPO E SIGNIFICADO

O corpo e suas transformações representam dentro do universo transexual um lócus privilegiado de observação para o cientista social, tendo em vista a forma como nessa realidade se torna possível observar com maior nitidez sua característica de emissor de sinais e sua capacidade de modelação pelo contexto cultural. Contudo, ele também pode tornar-se uma importante lente de observação do universo das relações de gênero como um todo, em função dos usos e das representações que o pertencimento a um determinado gênero implica, tendo em vista que é por meio dos corpos que os gêneros se tornam inteligíveis culturalmente. A centralidade da experiência do/no corpo torna-se ainda mais latente diante da necessidade manifestada por indivíduos transexuais de possuírem um corpo que de fato se assemelhe com a expectativa social de como deveria ser um corpo masculino/feminino (BENEDETTI, 2005, BENTO, 2006). No entanto é importante afirmar, que essa busca por adequação imagética do gênero não é uma necessidade universal dentro do universo diversificado da transexualidade.

O papel central que o corpo desempenha na experiência da transexualidade, faz com que as trajetórias desses indivíduos se tornem importantes ferramentas para se pensar as noções sobre o corpo, em grande parte por demonstrar a dimensão cultural e simbólica que esse elemento adquire no seu processo de significação que ocorre no meio social. O exemplo da trajetória de vida dos indivíduos transexuais se torna importante por apontar também o papel que o corpo pode representar dentro da visão de mundo dos indivíduos, nesse aspecto não só para os transexuais, mas para os atores sociais de uma maneira geral, tendo em vista, que o corpo se apresenta contemporaneamente como elemento central na formatação do *ethos* de toda a sociedade ocidental. Nesse sentido Connel e Messerschmidt (2013) afirmam que:

Os corpos estão envolvidos mais ativamente, mais intimamente e mais intrinsecamente em processos sociais do que a teoria usualmente lhes permitiu. Os corpos participam na ação social ao delinarem os cursos da conduta social – o corpo como participante da geração de práticas sociais. (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269)

3.1 Pensando o corpo nas ciências sociais

Desse modo, o corpo mostra-se como um componente essencial para a análise de dinâmicas da realidade social, em que a antropologia tem dedicado um significativo esforço

no empreendimento de sua desnaturalização, bem como na influência cultural por trás das técnicas corporais empreendidas pelos indivíduos. O discurso antropológico busca desnaturalizar a verdade acerca do corpo distanciando-se das explicações que o entendem como uma entidade simplesmente “natural”, como defendem alguns teóricos biologicistas. O antropólogo Marcel Mauss (1974), talvez tenha sido o primeiro a apontar para o impacto que a cultura adquire na formatação dos corpos dos indivíduos através dos usos que esses indivíduos fazem de seus corpos, mostrando também como esses usos e técnicas variam de acordo com as sociedades observadas.

Ao se tirar o foco da cultura, como principal fator explicativo, e transferi-lo para a interação entre os indivíduos como elemento fundamental para a construção da forma como esse corpo é percebido. Ele surge então como o resultado de uma construção de caráter simbólico e não uma realidade em si. Ele passa a ser interpretado como algo que é moldado pela, e na, interação dos indivíduos (LE BRETON, 2006).

O corpo parece explicar-se por si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou suas relações que mantém o homem que o encarna. A caracterização do corpo nas sociedades humanas revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural. (LE BRETON, 2006, p. 26)

Segundo essa perspectiva, seria sempre por meio dessa construção social, oriunda das interações dos indivíduos, que os símbolos culturais, como aqueles que são interpretados como masculino e feminino, adquiririam seus significados. Em um processo no qual a cultura é então encarnada no corpo, tornando-se ele próprio, o corpo, uma ferramenta de produção e emissão de sentidos e símbolos dessa cultura. Essa percepção é responsável por defender também a noção de “que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é um sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura” (CSORDAS, 2008.p.102). Tais discursos têm como principal ponto de convergência, o comprometimento com a ruptura frente às perspectivas essencialistas acerca do corpo.

Outra possibilidade de interpretação acerca da realidade corporal que ganha cada vez mais destaque entre algumas correntes filosóficas mais contemporâneas, é aquela que propõe analisar a noção de corpo como uma exclusiva área de atuação e construção da cultura, onde tudo o que existiria sobre o corpo na realidade seriam discursos sobre ele, ou em última instância, seriam efeitos desses discursos. Tais teorias têm como característica a negação da materialidade dos corpos, e atribuem a ele a definição de ser uma realidade que é somente

discursiva, argumentando não ser possível se acessar a nenhuma materialidade anterior desse corpo a não ser por via do discurso, em suma, da cultura (PRINS & MEIJER, 2002). Para esse tipo de proposta analítica o corpo não seria um elemento de ordem pré-discursiva.

No entanto em um exercício teórico/epistemológico, é possível se pensar a partir das formulações de Carole Vance (1995), acerca do uso excessivo de teorias construtivistas no campo das sexualidades, que as abordagens dos modelos de influência cultural em relação aos corpos também devem ser relativizadas, tendo em vista que ao contrário do que defendem alguns teóricos construtivistas, existiria sim uma materialidade inicial nos corpos. Existe uma diferenciação entre eles que é inegável, uma condição universal de macho e fêmea, diferenciação essa que se torna central nas experiências de vida dos sujeitos, e que se torna essencial também para pensarmos a assimetria entre os corpos e os gêneros na sociedade, seja na forma de organização ou divisão sexual dessa sociedade em que esses sujeitos se encontram inseridos, em última análise, é inegável a existência de uma materialidade que se expressa na assimetria do próprio trabalho reprodutivo (HEILBORN, 1999). Assimetria e materialidade essas que ao se analisar a trajetória dos homens e mulheres transexuais apresentam-se extremamente presentes em seus discursos e principalmente em suas práticas, acerca de suas experiências com e em seus corpos.

Na tensão entre o essencialismo/biologiscismo e as teorias construtivistas para se refletir sobre o corpo na sociedade contemporânea, assim como no campo do estudo das sexualidades, se faz produtivo a adoção de uma perspectiva de construcionismo com poder de atuação moderado, ou intermediário, que leve em consideração essa materialidade primeira dos corpos, não da maneira essencializadora do discurso biológico, mas que considere também o poder inegável da cultura na constituição desse corpo, sem, no entanto se delegar a essa influência cultural toda a produção de verdade sobre esse corpo. Ao que Carole Vance (1995) muito bem definiu em sua proposta como um “construcionismo *light*”.

Nesse sentido pensar na experiência transexual, e na relação desses indivíduos com seus corpos, apresenta-se como um empreendimento no qual é necessário se ter sempre em mente, que a relação indivíduo/corpo, é sempre multifacetada. E desse modo, qualquer tentativa de se pensar esses corpos isolando-os da experiência desses indivíduos se tornaria inevitavelmente um equívoco teórico-metodológico. Tendo em vista que esses corpos são sempre o resultado da intersecção das experiências desses sujeitos e dos discursos promovidos pela sociedade que os atravessam, elementos esses que adquirem o poder de ação direta sobre a materialidade desses corpos. Torna-se então indispensável entender esses corpos processos dinâmicos inseridos no mundo, e em função disso são atravessados por diferentes investidas

da cultura em suas trajetórias de vida, e principalmente se atentar para o fato de que essa forma de se conceber o corpo é uma forma localizada num período histórico muito específico que muda radicalmente a forma do indivíduo de se relacionar com a sociedade, a modernidade.

3.2 Ter um corpo no mundo, ou emergência do individualismo

A transição das sociedades tradicionais de tipo *holista*, que tem como característica a noção de homem coletivo - e que tem como seu princípio organizador a hierarquia- para as sociedades modernas individualistas, nas quais o homem passa a ser encarado como “a medida de todas as coisas”- e que é baseada na crença do igualitarismo- (DUMONT, 1992; HEILBORN, 1993), ocasionou uma transformação importante na forma como o indivíduo é pensado em relação à sociedade, ao promover uma inversão na hierarquia da relação entre o todo (sociedade) e a parte (homem/indivíduo).

Esse movimento proporcionou mudanças radicais não só na percepção da relação do homem com a sociedade, como também foi responsável pela transformação na forma como o corpo passa a ser percebido nesse novo contexto. Enquanto no período anterior o corpo não era uma realidade que se pudesse distinguir do homem, no momento posterior, na contemporaneidade, ocorre a transformação desse paradigma por meio da dissociação entre esse homem e seu corpo (LE BRETON, 2006). Essa transformação de paradigma é fundamental para a compreensão da forma que se deu a conformação moderna de indivíduo e do corpo.

É o avanço do individualismo ocidental que vai pouco a pouco permitir discernir, segundo um modelo dualista, o homem de seu corpo, não em uma perspectiva diretamente religiosa, mas no plano profano. É isso que é agora preciso interrogar: o vínculo social entre indivíduo e corpo, a fim de liberar as fontes de representação moderna do corpo. (LE BRETON, 2013, p. 60)

Tais mudanças faz com que nessa nova forma de organização da sociedade o homem passasse a ser visto como um indivíduo dotado de valor, característica essencial para a conformação da sociedade tal como a conhecemos. O corpo torna-se nesse sentido o espaço máximo de expressão do processo de individuação pelo qual a sociedade passou, emergindo como ferramenta central na forma como se produziu a noção de pessoa moderna, fazendo com

que as noções do corpo na modernidade fossem trazidas para uma dimensão cada vez mais ligada à experiência dos indivíduos. O corpo surge então como um elemento polissêmico, ele se torna posse do indivíduo, algo que se dispõe ao mesmo tempo em que passa a ser o elemento que demarca a fronteira entre esse indivíduo e o outro, promovendo nesse processo uma espécie encapsulamento do indivíduo (LE BRETON, 2006).

Essa transformação de paradigma é fundamental para se interpretar um fenômeno como o da transexualidade, tanto no que diz respeito à relação estabelecida entre o indivíduo transexual e seu corpo, quanto a própria possibilidade de experiência de construção de identidade que esses indivíduos experimentam. Já que como afirma Berenice Bento (2013), somente “com a emergência da ideologia individualista as identidades sociais tornam-se mais flexíveis e passíveis de mudanças.” (BENTO, 2013.p: 20). Todas essas transformações são de caráter mais amplo, mas que no âmbito da experiência transexual adquirem contornos mais nítidos.

Outra característica central no que diz respeito ao corpo na modernidade é relação de tríade que estabelece entre o indivíduo, seu corpo e o Estado, que agora se torna o detentor do poder de legislar sobre os corpos de seus indivíduos. O que mais uma vez na trajetória transexual adquire um sentido muito específico na forma como esses sujeitos vão estabelecer suas experiências com e em seus corpos.

3.3 O Corpo como esfera de atuação política

Por fim um debate extremamente relevante para pensar a noção de corpo na sociedade moderna, e que atravessa de maneira significativa a vida de todos os indivíduos, mas de maneira mais radical a dos homens transexuais, é o entendimento de corpo como esfera direta de atuação e disputa política, como arena de atuação/regulação da *biopolítica* (FOUCAULT, 2011). Essa nova esfera de atuação do poder, segundo Foucault, ter-se-ia desenvolvido a partir de dois polos, sendo o primeiro deles centrado na noção de “corpo-máquina”, focado no adestramento e na docilidade desse corpo, integrando-o assim aos sistemas de controle por meio de atividades de poder, que dá origem as “disciplinas: anátomo-política do corpo humano”. E sendo o segundo polo de atuação desse novo dispositivo de poder, o da gestão da vida, caracterizado pela noção de “corpo-espécie”, que abarca uma concepção do corpo como uma realidade atravessada pelos processos biológicos, como nascimento, morte, saúde. No

qual esses processos, por sua vez, se tornam objetos de atuação de controles da esfera da regulação: fazendo surgir a *biopolítica*, que surge então com poder de atuação/legislação sobre a vida de toda a população na sociedade moderna. Segundo Foucault:

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida de cima a baixo. (FOUCAULT, 2011, p. 152)

A partir dessa transmutação do direito de morte para a administração dos corpos e a gestão das vidas dos indivíduos, inaugura-se então a era do *biopoder*, baseada na sujeição dos corpos (disciplina) e no controle da população, gerenciamento agora monopolizado pela figura do Estado (*biopolítica*). Desse modo, o Estado na contemporaneidade além de controlar, exerce também o domínio sobre a vida dos indivíduos.

Essa transformação ocorrida na sociedade fez com que fatores que até outrora diziam respeito somente à dimensão biológica, passassem a refletir também nas esferas políticas e econômicas da sociedade, dando origem ao campo da *biopolítica*. Arena na qual a possibilidade de se estar vivo no mundo se torna em si mesma uma atividade política, e a vida e os corpos passam a ser encarados como um objeto político, no qual proliferam tecnologias também políticas que atuam diretamente sobre os indivíduos e seus corpos.

A transformação desses paradigmas e a instauração desses processos de regulação e controle operam diretamente sobre a vida de todos os indivíduos, contudo, o universo transexual se torna uma importante ferramenta de análise dessas investidas tanto do *biopoder* quanto da *biopolítica*, tendo em vista que os indivíduos transexuais têm continuamente a autonomia de seus corpos tutelada pelo Estado, principalmente no âmbito da saúde, como ficará explicitado no decorrer do presente trabalho.

Portanto, pretendeu-se demonstrar que para pensar a masculinidade e as relações de gênero como realidades que são centrais na interação social, é fundamental, o entendimento da relevância que o corpo adquire na vida dos indivíduos, seja em função do fato de ser por meio do corpo que o gênero desse indivíduo adquire inteligibilidade dentro de determinada cultura, seja pela noção do corpo como expressão máxima do individualismo moderno, ou ainda, em função da forma como o corpo, nas sociedades modernas capitalistas, se tornou um objeto de disciplina do Estado.

Fato é que ser um indivíduo na sociedade ocidental contemporânea passa impreterivelmente pelo fato de ser/ter um corpo no mundo. Na contemporaneidade, o indivíduo e o seu corpo são elementos indissociáveis, ao menos dentro da visão de mundo ocidental, e para João Nery não é diferente, essa foi uma questão de extrema importância na conformação de sua identidade masculina.

4 O INÍCIO DA VIAGEM

4.1 Memórias de Infância

João Walter Nery ao nascer foi designado como uma menina, e de tal modo foi criado, em uma família de classe média do Rio de Janeiro, no início da década de 1950, período marcado pelo conservadorismo moral no Brasil³. Somente aos vinte e sete anos, já no ano de 1977, que ocorre o fim da existência de Joana, após Joao assumir em definitivo a identidade masculina. Durante uma parte significativa de sua vida, João se viu obrigado a conviver com uma identidade com a qual discordava.

João é oriundo daquilo que autores como Gilberto Velho (1975) definiram como “camadas medias urbanas”, que são os exemplos da sociedade moderna baseada no individualismo, na forma de perceber a relação do indivíduo com a sociedade. O esforço teórico de delimitação desse segmento da sociedade é algo que se faz imprescindível em uma realidade estratificada como a brasileira. Esse empreendimento se faz necessário por acreditar que esse pertencimento é central para a formatação do *ethos* dos indivíduos que compõe esses grupos, por abarcar mais do que somente a renda como elemento de distinção entre os diferentes seguimentos da sociedade, passando a englobar também fatores identitários como posicionamento político, capital cultural e a ideologia que formatam a visão de mundo dessa camada (VELHO 1975; HEILBORN, 2014).

Características aqui entendidas como determinantes para o formato que adquiriu a trajetória de Joao, já que o lugar de pertencimento do indivíduo é fundamental para a conformação de sua visão de mundo. Segundo Heilborn:

Embora os integrantes da mesma sociedade possam compartilhar, e de fato o façam, de certos pressupostos comuns, está-se em presença do desenvolvimento de estilos de vida e de concepções de mundo extremamente variados. Pode-se mesmo dizer que essa produção da diferença passa a ser crucial no sentido de demarcação de fronteiras entre os grupos sociais. (HEILBORN, 2014, p. 69).

³ A década de 50 é caracterizada pelo conservadorismo no país, as primeiras transformações começam a surgir na década seguinte. É de 1962 a lei 6.121, conhecida como o “Estatuto da mulher casada” dispositivo importante de mudança nas relações de gêneros, que entre outras inovações, retirou a tutela marital a que as mulheres estavam sujeitas.

João Nery é considerado o primeiro homem transexual brasileiro: o primeiro indivíduo a fazer a transição do sexo feminino para o masculino. Tal pioneirismo fez com que sua experiência se tornasse um marco para o movimento transexual brasileiro, e ele se tornasse um importante ator na luta pelos direitos dessa parcela da população. Sua relevância para o movimento transexual brasileiro pode ser ilustrada pelo fato de projeto de lei que tramita na câmara dos deputados desde o ano de dois mil e treze, levar seu nome, a Lei Joao Nery (PL5002/2013), que tem como proposta garantir o reconhecimento da identidade de gênero e o direito a alteração do nome e do sexo de indivíduos transexuais nos documentos legais.

Terceiro de um total de quatro filhos, sendo as outras três, meninas, João afirma que apesar da sensação de casa cheia e de pertencimento a uma família grande, recorda-se de ter sido sempre uma criança solitária e triste, em grande medida em função dos olhares que percebia que lhes eram dirigidos nos lugares que frequentava: brincadeiras na pracinha ou idas ao colégio. Segundo ele, em consequência de sua imagem “desleixada” e pouco usual para uma menina, e de fato ele próprio admite sentir-se “um ser sem vaidade” durante aquele período de sua vida.

A relação de tensão entre João, até então percebido e tratado como Joana, e a família, em especial sua mãe, no que dizia respeito a escolha das roupas e de sua aparência, por vezes se tornavam situações de pânico para a então criança. Esse período é descrito por ele, em algumas passagens, como um “verdadeiro inferno”, sobretudo na escolha do que deveria vestir. Nessas ocasiões eram estabelecidas complexas negociações entre ele e a mãe, para que ao menos os vestidos tivessem bolsos e gravatas, ou para que o “embonecamento” fosse o menor possível, muito embora esse mínimo para ele já se caracterizasse como episódios de tortura.

Ao recordar de sua infância Nery é bastante enfático ao rememorar-se de suas atitudes e tipos de brincadeiras que faziam parte de seu universo. Nessa época não conseguia, de acordo com ele, compreender porque os outros insistiam em tratá-lo como se fosse uma menina. Essas atitudes faziam com que ele se inquietasse cada vez mais, por não condizer com a imagem que projetava de si, a imagem de um menino, o que contribuía para torna-lo uma criança cada vez mais retraída e reclusa.

Havia um abismo entre como me viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como os garotos, tentando rivalizar e competir como eles. [...] jogava bola de gude na pracinha com os outros meninos, mas isso não era bem visto. Uma vez quis brigar quando me roubaram as bolas que havia ganhado no jogo, mas nem me levaram a sério. Recusavam-se a qualquer disputa corpo a corpo comigo, e sabia que não era por

valentia. [...] Sempre adorei dirigir. Aos seis anos, pedi um jipe ao Papai Noel. Uma semana antes do Natal, brincando na garagem da casa dei de cara com um carrinho igualzinho ao que havia pedido. Fiquei alucinado! [...]. Lavava-o todos os dias, usando um pedaço de estopa com querosene, como papai fazia com o dele. (NERY, 2011, p. 29, 30,34)

Um ponto interessante de reflexão que surge a partir desse tipo de narrativa de João, seria para a possibilidade de associação entre o sentimento de se sentir um “erro de pessoa”, como aparece inclusive no título de sua primeira autobiografia, e a ligação que esse tipo de percepção de si pode ter com uma trajetória marcada pelo sentimento de inadequação, que como visto o acompanhava desde a infância, em função, por exemplo, do gosto pelas “atividades dos meninos”.

Sem questionar aqui a veracidade das recordações, respeitando-as como parte constituidora de sua identidade, nota-se que em certa medida, ao elaborar sua narrativa de memórias da infância, João Nery como forma de assegurar, ou de justificar sua identidade de gênero masculina, recorre a um discurso levemente essencializador, ao menos no que diz respeito a como deve, ou deveria, ser o comportamento de um menino, procurando preencher as expectativas de gênero do que é ser um homem em formação. No entanto, sem se dar conta de que essa identidade masculina é produzida e reproduzida por meio da socialização dos meninos (FALCONNET & LEFAUCHEUR, 1977; CONNELL, 2013), e nada tendo de inerente à condição masculina, são características que compõem o *habitus* masculino (BOURDIEU, 1974), ou seja, essas características masculinas fazem parte de um sistema simbólico refletido na prática desses homens e meninos, e com isso se torna a ferramenta responsável por mediar o universo simbólico da masculinidade com a realidade social.

Nesse sentido, Carmen Guimarães (2004) alerta para como torna-se fundamental destacar o caráter cultural e simbólico que constituem essas regras que organizam a vida social, salientando ainda que esse empreendimento se torna ainda mais urgente em contextos que são marcados pelas dicotomias macho/fêmea e pelo binarismo de gênero, que norteiam as interações dos indivíduos em nossa sociedade.

Essa elaboração das memórias de infância que recorre/aciona discursos que, em alguma medida, podem parecer essencialistas, como estratégia para validar uma identidade estigmatizada, é também percebido em outros trabalhos com grupos desviantes, como o desenvolvido por Mário Felipe de Carvalho (2011) no qual, na fala de mulheres transexuais, ao construírem suas identidades de gênero, fazem-no como algo que sempre esteve presente em suas trajetórias de vida. Também está analisado em Carmen Dora Guimarães (2004) cujo

trabalho pioneiro sobre homosociabilidade entre homens homossexuais moradores da cidade do Rio de Janeiro, no qual seus interlocutores recorrem ao mesmo dispositivo discursivo.

Guimarães também se depara com esse tipo de narrativa que associa a carreira desviante (BECKER, 2008) a algo relacionado a um certo estado natural associado à infância. Berenice Bento (2006) observa a importância que a construção de uma narrativa que atribua à infância a sensação de desconforto em relação ao gênero é recorrente nesse tipo de trajetória, estando também presente no discurso de seus interlocutores, segundo ela:

A infância é uma fase da vida evocada com grande força. No entanto, a memória não pode ser compreendida como um arquivo de imagens que é posto em movimento em suas narrativas. Relembrar é um ato interpretativo, no qual o sujeito atualiza uma leitura sobre o passado e as lembranças são matizadas pelas condições do presente. (BENTO, 2006, p. 167)

Desse modo, se torna recorrente nos discursos tanto de João Nery, quanto nos dos demais desviantes, uma certa noção de infância associada à uma gênese. Tendo talvez como premissa uma noção que ao se atribuir uma origem primária ao desvio funcione como uma estratégia útil, capaz de conferir legitimidade à reinvidicação de certa normalidade. E nesse recurso a elaboração das memórias adquire protagonismo em seus discursos nos mais diversos momentos.

A memória assume na elaboração da história de vida de um indivíduo, um papel central, em função de sua capacidade de proporcionar uma compreensão dos efeitos de determinados elementos e acontecimentos na formação da identidade desse indivíduo, fazendo-o tomar como ponto de partida o ponto de vista do ator (BECKER, 1997). Nesse sentido é fundamental o exercício de dissociar da narrativa autobiográfica a noção de algo que diria respeito somente a experiência do indivíduo. Tornando-se necessário pensá-la, a história de vida, como uma realidade sempre condicionada pelo contexto social e cultural no qual esse indivíduo está inserido. Nesse sentido, não se busca questionar a legitimidade, ou a veracidade dessa memória individual, particular, ou singular, dos homens transexuais, e sim apontar para a possibilidade de como essas memórias, por vezes, acabariam sendo interpretadas e reinterpretadas por esses indivíduos em função dos contextos nos quais esses se veem inseridos (BENTO, 2006; GUIMARÃES, 2004).

O sociólogo Maurice Halbwachs (2004), a respeito das lembranças de infância, sinaliza para a importância de pensá-las como acontecimentos que estão sempre inseridos dentro de quadros sociais, nos quais esses quadros, é que se tornam os pontos de referência para a construção dessa memória à primeira vista individual (HALBWACHS, 2004). Algo

aparentemente particular, na realidade só é possível em função de um contexto social determinado. Nesse sentido, os indivíduos transexuais, e os demais desviantes, em função de suas trajetórias de vida marcadas por experiências de estigma e marginalização, poderiam, em algumas circunstâncias, recorrer a um discurso, que em alguma medida, naturalize suas marcas de estigma, como ocorre na narrativa de João. Fazendo-o como um recurso de garantia de sobrevivência em ambientes historicamente hostis a essas pessoas. Em suma, o quadro social no qual esses indivíduos adultos se encontram inseridos se torna a matriz na qual as lembranças da infância serão elaboradas.

Com isso ao elaborar a narrativa de suas memórias de infância, pautada em uma insatisfação com os modelos e expectativas com os padrões de gênero, João Nery poderia estar na realidade reproduzindo um discurso reflexo do que se espera da infância de um menino, ou seja, o quadro de memória de sua infância estaria ele próprio atravessado pelo quadro social do qual ele, João um indivíduo já adulto faz parte.

4.2 Descobrindo as diferenças

A descoberta das diferenças entre os gêneros, ou a existência de corpos sexuados, pelos indivíduos transexuais, é um ponto bastante presente nas elaborações de suas narrativas sobre a infância e primeiras memórias (BENTO, 2006; BENEDETTI, 2005). Em um primeiro momento, assim como os interlocutores, também homens transexuais, ouvidos por Berenice Bento (2006), o pequeno João Nery inicialmente acreditava que era sim um menino, talvez um pouco diferente dos outros, mas ainda sim um menino. Ele afirma que:

Sabia não possuir um pinto tão grande como o dos outros meninos da minha idade. Mas alimentava a esperança de que ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando o meu “pinto”, para ver se aumentava. Ao acordar a desilusão! Tudo continuava na mesma. Nenhuma fada apareceu. Nenhum milagre aconteceu. (NERY, 2011, p. 33)

No entanto essa esperança de uma “normalidade” acerca de seus corpos, por parte de João e de outros homens transexuais (BENTO, 2006), é abandonada aos primeiros sinais do surgimento dos signos femininos, como a primeira menstruação e ou surgimento dos seios, símbolos esses, que no âmbito da transexualidade masculina, acabam se tornando os símbolos da estigmatização e da marginalização a que esses homens serão condenados ao longo de suas

vidas, por não se enquadrarem no modelo de masculinidade imposto. A questão do aparecimento dos seios também se faz muito presente nos relatos dos homens transexuais entrevistados por Simone Ávila (2014) em seu trabalho com a população transexual masculina, a autora afirma que “O que percebo nos interlocutores é uma preocupação muito maior com a presença dos seios do que a falta de pênis.” (AVILA, 2014.p: 100).

O aparecimento desses atributos do universo feminino funciona como um rito de passagem a um outro universo para esses indivíduos. Caracterizado pelo abandono da sensação de normalidade, que ocorre em função da entrada desses indivíduos e de seus corpos no universo dos corpos sexuados, e na lógica da organização binária dos gêneros (BENTO, 2006). De acordo com a autora: “Para muitos, essa descoberta significa um momento de atribuição de sentido para as várias surras, insultos e rejeições familiares” (BENTO, 2006; p: 183).

Já Miguel Vale de Almeida define esse mesmo processo de ingresso no mundo sexuado, como:

A expulsão do paraíso, que pode ser interpretada como fundação da vida em sociedade, assenta em razões sexuais. A sociedade nasce com a divisão sexual e, na linguagem de hoje, com a definição de dois gêneros. (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 73)

Essa transição para uma realidade sexuada está presente na vida de todos os indivíduos, contudo na experiência transexual ela adquire contornos de grande sofrimento. Na trajetória autobiográfica de João Nery, essa mudança de percepção também se faz presente, como pode ser evidenciado na sua afirmação de que:

Aos poucos, fui sentindo vergonha do meu corpo. Não ficava nu diante de ninguém. Era como se tivesse um defeito físico, um aleijão. Não trocava mais de roupa na frente das meninas e me envergonhava quando o inverso ocorria. [...] A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira “monstruação”. A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava. Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver. A dose foi cavalhar. Acompanhando a monstruosidade, os seios insistiam em nascer. Aí foi demais. [...]. As evidências no meu corpo me obrigavam a ser visto como mulher. (NERY, 2011, p. 33,46).

Assim, é a partir do ingresso nessa nova realidade, a dos corpos sexuados, que os homens transexuais se veem obrigados a lidar com as dificuldades associadas à estética e às expectativas relacionadas aos gêneros, e no caso desses indivíduos a resposta às expectativas significa o desenvolvimento de estratégias de adequação e minimização do estigma. A partir da puberdade esses indivíduos passam a lançar mão do uso de elementos culturalmente

generificados para se tornarem inteligíveis socialmente de acordo com suas identidades de gênero, em sintonia com a forma como se enxergam.

Essa necessidade de inteligibilidade cultural, mais uma vez não é exclusividade dos transexuais, ela é um fator constituinte de uma sociedade generificada. E aponta para a importância que as convenções sociais adquirem na formatação das identidades dos indivíduos. De modo que, “o lugar simbólico a ser ocupado nas relações com os outros, os tipos de roupa que se deve vestir, os comportamentos prescritos e os interditados, além dos sentimentos que são associados a um determinado sexo/gênero, definem a identidade de gênero” (ZAMBRANO & HEILBORN, 2012, p. 412).

Os símbolos associados ao universo masculino, como a barba, músculos e acessórios masculinos, passam a funcionar como estabilizadores, como demarcadores de gênero, nessa “ordem dicotomizada” de organização da sociedade (BENTO, 2006). Entretanto, nesse processo não são somente características imagéticas que são acionadas para a construção dessa identidade masculina, características de ordem subjetiva também são mobilizadas. Assim, características comumente associadas ao universo masculino, como força, agilidade, praticidade e independência, e até mesmo violência (FALCONNET & LEFAUCHEUR, 1977) passam também a fazer parte do rol das características constituidoras e definidoras da masculinidade, com muitas delas inclusive sendo alçadas à categoria de características inerentes ao homem.

João Nery em sua busca por adequação ao gênero masculino, com o qual se identificava, mas com o qual não era reconhecido socialmente, recorre de diversas formas de atividades físicas que tinham como objetivo a transformação de seu corpo em um corpo masculino. Atividades que para Joao tinham ainda uma segunda função, já que são atividades que culturalmente estão relacionadas ao universo masculino, ou seja, promovia não só a transformação física do corpo como também ajudavam a compor o seu universo masculino subjetivo, e funcionavam como uma espécie de reforço de sua identidade. Segundo ele:

Aos 13 anos, resolvi botar em prática um antigo desejo – dedicar-me aos esportes. Iria me fazer bem, pois conseguiria obter admiração, aumentar minha autoestima. Seria uma tentativa de melhorar meu físico, tornando-o mais musculoso, mais de acordo comigo. Treinava com um desesperado! [...]. Escolhi um esporte que exigisse coragem, que fosse individual e que me pusesse em contato com a água, pois sempre fui muito calorento. [...] Os saltos me deixavam com uma compleição mais máscula. Fortaleci-me tanto física quanto emocionalmente. (NERY, 2011, p. 48, 50).

Assim, essas falas de João Nery evidenciam não só a forma com a qual ele pretendia transformar seu corpo em um corpo que fosse adequado ao seu gênero masculino, adquirindo

assim inteligibilidade cultural, como também apontam através da escolha de suas atividades para alcançar esse objetivo, a mobilização de elementos historicamente associados ao universo masculino, como o esporte, a coragem, e a virilidade (FALCONNET & LEFAUCHEUR, 1977). Escolhas que acenam para a existência de uma distinção entre atividades masculinas e femininas, distinção essa que interfere de maneira tenaz na forma como serão moldadas as identidades generificadas e dicotômicas. Acerca dessas diferenciações na socialização de meninas e meninos, é válido trazer à tona as formulações de Georges Falconnet e Nadine Lefaucher (1977), que mesmo dizendo respeito a uma realidade francesa da década de setenta, pode ser bastante elucidativa para a compreensão da forma como são produzidas e reproduzidas algumas das “características” tidas como inerentemente masculinas:

A educação do menino destina-se a colocar o pequeno macho no bom caminho, para fazê-lo desenvolver as qualidades “masculinas”, a virilidade em detrimento das qualidades consideradas “femininas”, e prepara-lo para o papel de chefe que deverá desempenhar na família ou sociedade. (FALCONNET & LEFAUCHEUR, 1977, p. 159)

Connel (2016) também chama a atenção para o fato de como o aprendizado dos papéis, e das expectativas de gênero se dão por meio de uma socialização absolutamente diferenciada de meninos e meninas. Para a autora a trajetória social, ou a socialização, dos meninos é o principal elemento de interferência para a construção dos modelos de masculinidades que serão reproduzidos por esses ao longo do tempo (CONNEL, 2016).

De maneira que, os elementos culturais acionados por João Nery para a construção de sua identidade masculina assemelham-se muito àqueles apresentados por estudiosos que se propuseram a refletir sobre as dinâmicas envolvidas na construção social da masculinidade, por homens não transexuais, o que aproxima a experiência de masculinidade de João Nery com a de qualquer outro homem, seja ele transexual ou não. E nesse sentido, a trajetória de vida do autor funciona como uma importante ferramenta de desnaturalização da noção de masculinidade, ao apontar para o caráter cultural que representa o empreendimento de se ter um gênero inteligível socialmente, indicando, por conseguinte a natureza falaciosa dos discursos essencialistas sobre os gêneros.

Para João Nery experimentar a liberdade de viver em sintonia com seu corpo e seu gênero, era necessário construir sua identidade social, sem, no entanto, poder contar com referenciais sociais que o ajudassem em tal empreendimento. Nesse período a transexualidade

era uma realidade pouco conhecida, tornando a descoberta de si de Joao, um processo marcado pelos sentimentos de solidão e inadequação.

4.3 Adolescência e a construção da identidade

O período da adolescência é descrito por João Nery como um período difícil, no qual as pressões da família e da sociedade começaram a aumentar. É nessa fase do ciclo da vida, a de passagem à vida adulta, que as expectativas de gênero começam a tomar forma, do mesmo modo, que os comportamentos taxados como aqueles que desviam da norma começam a chamar a atenção. No caso de Joao Nery, o desconforto desse período é ainda potencializado pelo desconhecimento acerca de sua condição e pela falta de identificação com as categorias até então conhecidas/disponíveis.

As pressões familiares e sociais iam pouco a pouco amentando. [...] Quando entrei na adolescência, ainda não existia sequer o conceito de transexualismo. Eu me sentia um homem, com um físico inexpressivo, que não convencia ninguém. Eu não me via de forma alguma como um homossexual, embora os outros assim o fizessem. Desconhecia outra “categoria” na qual pudesse me enquadrar e tampouco sabia de pessoas iguais a mim. Sentindo-me um fenômeno único e sem amparo de explicações, travava uma batalha tenaz com a marginalização. (NERY, 2011, p. 53,54)

Nessa passagem de sua autobiografia, fica evidente a importância que a identificação adquire para a constituição do indivíduo dentro da dinâmica social, já que é a definição da identidade o elemento que singulariza o indivíduo na sociedade moderna. Berguer e Luckmann (1973) definem identidade como sendo um processo marcadamente de natureza intersubjetiva, que é resultado da relação dialética estabelecida entre o indivíduo e a sociedade. Para esses autores:

A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. (BERGUER & LUCKMANN, 1973, p. 228)

A construção da identidade torna-se o ponto central na forma com que os indivíduos experienciam a vida em sociedade, já que é por meio da demarcação de fronteiras entre o eu e o outro, e do conhecimento do que o indivíduo é e, talvez o mais importante, do que ele não é,

que serão constituídas de fato as identidades sociais dos indivíduos. Acerca da importância do outro no processo de constituição de identidade, Bento (2006) afirma que:

Ao mesmo tempo que se identificar envolve um trabalho discursivo de fechamento e de demarcação de fronteiras simbólicas, simultaneamente significa o reconhecimento de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ainda que idealmente. São as identificações que revelam o processo mesmo de organização de identidade (“Eu quero ser um homem/mulher”). (BENTO, 2006, p. 205).

A falta de identificação com as categorias sociais disponíveis pode ser responsável por provocar no indivíduo o sentimento de inadequação ou de falta de pertencimento, comprometendo o sucesso desse indivíduo na dinâmica de interação social. Contudo, a sensação de inadequação observável no discurso de Joao Nery, em grande medida ocorre pela tipificação das identidades possíveis, ou seja, da necessidade que a sociedade tem de categorizar os indivíduos em escalas gradativas de “normalidade”. Assim, em um movimento de busca por identificação social e pertencimento, Joao procura se aproximar de outros grupos formados por indivíduos *outsiders*, como ele. No entanto, ocorre que nem mesmo nesses espaços marginalizados João podia de fato externalizar sua identidade sem que isso causasse desconforto ou desconfiança nos demais, em função do total desconhecimento acerca da condição transexual daquele período.

Desconhecia o grupo no qual pudesse me inserir e me identificar. Minhas normas de conduta eram indefinidas por desconhecer os valores que deveria seguir, a partir de um estigma definido. O grupo homoerótico, no qual fui muitas vezes enquadrado, apenas aceitava as minhas relações com mulheres, mas desde que gostasse também de “ser” uma. Não era o caso. [...] Não tinha o tranquilo escudo para me defender por meio de nenhum grupo sexual específico. Não conhecia com que pudesse me identificar. (NERY, 2011, p. 130).

A dificuldade de identificação que indivíduos transexuais vivenciam, também aparece no trabalho Berenice Bento (2006) como um fator constituinte na trajetória de seus interlocutores de pesquisa, o que sugere que essa não é uma marca exclusiva da trajetória de João Nery, indicando que essa talvez possa ser uma realidade vivida por grande parte dessa população. É provável que com menor intensidade em experiências mais recentes, já que nos dias atuais a temática da transexualidade ganhou considerável destaque no discurso da grande mídia e no cenário virtual (ÁVILA, 2014), o que facilita também o processo de auto identificação desses novos atores.

Ainda nesse processo de busca por aceitação e de auto identificação, João afirma ter cedido às pressões sociais e familiares, por um determinado período, e numa tentativa de atender à demanda social, procurou se apresentar como uma “moça”, ou de acordo com as expectativas sociais de como é ser uma “moça”. Quanto à pressão exercida pela família ele afirma que:

A família tentava, de uma forma ou de outra, mostrar-me os aspectos mais positivos e motivantes da condição de ser mulher, elogiando-me tanto pelas feições do rosto como pela boa altura. Diziam que, se eu quisesse poderia ser uma mulher extremamente bonita e interessante. Bastava ‘querer’ e me arrumar um pouco. [...] O melhor ou o pior, é que agradava. Era uma mulher que diziam ter uma personalidade marcante. Sabia me expressar com desenvoltura e não apresentava as inibições comuns às mulheres. O termo ‘masculinizada’ foi substituído pelo de ‘exótica’. (NERY, 2011, p. 54, 55).

Contudo, como talvez fosse de se esperar tal empreendimento não foi bem-sucedido, apesar da grande satisfação que proporcionava aos seus familiares, Joao não estava feliz ou confortável. O descontentamento era tanto que ao relembrar dessa fase, ele a define como uma “experiência de travestismo”, tamanha era a sensação de inadequação que lhe provocava tal investida. Tornando essa mais uma de suas inúmeras tentativas frustradas de criar aceitação e adequação, as quais ele se submeteu.

Esses relatos mais uma vez apontam para a dificuldade de Joao em estabelecer um diálogo como as categorias disponíveis, dificuldade que inevitavelmente passavam pela experiência da materialidade corporal e principalmente apontam para a realidade simbólica que cercam essa materialidade.

4.4 O corpo sexuado

O corpo, como apresentado anteriormente é mais do que simplesmente uma realidade biológica, ele é também uma produção simbólica e cultural (LE BRETON, 2013). Para David Le Breton (2013), na contemporaneidade o corpo é o que demarca o limite entre os indivíduos, sendo assim, ele pode ser encarado como uma das ferramentas principais de diálogo do indivíduo com o mundo que o rodeia. Entretanto, na realidade transexual esse diálogo com o mundo não se dá de maneira coerente e harmoniosa como para a maioria dos

outros indivíduos, já que é no corpo que a experiência de inadequação é vivenciada de maneira mais tenaz por essas pessoas.

O desconforto dos indivíduos transexuais com seus corpos é tido como um dos pontos mais difíceis e dolorosos na vivência da transexualidade (BENTO, 2006), incômodos que são responsáveis por desencadear verdadeiras crises corporais para esses atores. Tendo em vista que é por meio do corpo, que todos os indivíduos se tornam possíveis, ou passíveis de serem compreendidos, e é justamente a falta dessa inteligibilidade cultural que contribuí de maneira significativa para o sentimento de vulnerabilidade e de inadequação que os indivíduos transexuais vivenciam.

Em uma realidade complexa como a da transexualidade, a relação dos indivíduos com seus corpos, torna-se mais uma entre as inúmeras batalhas a serem travadas, para que se possa existir no mundo; e esse desconforto também está presente na trajetória de vida narrada por João Nery.

Minha crise corporal foi dolorosa e confusa. Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não o era. Quando tomava banho, por exemplo, sentia que não dava banho num corpo estranho, mas em mim, queria me sentir limpo. Quando havia um machucado, tratava dele, poderia ser até com uma postura de médico, mas com a finalidade única de ficar bom. A própria gesticulação – os trejeitos das mãos e do rosto – transmitia o que sentia e queria dizer. No entanto, era por intermédio desse mesmo corpo que as pessoas me confundiam com uma mulher! (NERY, 2011, p. 52)

A passagem torna evidente o sentimento ambíguo que João estabelecia com o corpo durante esse período de descobertas, e que com o passar dos anos só fizeram aumentar seu sentimento de inadequação, em função das transformações corporais que teimavam em acontecer, alterações que o distanciava cada vez mais da forma como ele se via. Sentimentos relevantes por demonstrarem a importância do corpo também como um importante produtor e receptor de discursos.

O corpo dentro do debate das ciências sociais é um emissor de sentido, e o sentido e ou os símbolos, que João Nery trazia no seu, e que transmitia para a sociedade, não condiziam com a maneira que ele se imaginava. Esse verdadeiro “abismo” entre a forma com ele se via e a forma com que a sociedade o enxergava, era um sentimento que já o acompanhava desde a infância, contudo, na adolescência só fez aumentar, principalmente em função do aparecimento dos primeiros símbolos corporais culturalmente generificados. E nesse confuso processo de aceitação e recusa do próprio corpo, como era de se esperar o aparecimento de símbolos visíveis como os seios, se torna mais um momento de grande angústia.

Por mais que tentasse ignorá-los, meus seios estavam basicamente presentes em três situações: no acesso social, por não poder vestir roupas justas a não ser que usasse faixas; quando deitava de lado, pois na cama de barriga para cima, ainda ficavam achatados, mas de lado eram insuportáveis! Faziam uma prega no meio, um tombava por cima do outro, dando a impressão de serem maiores e até provocando certo sensualismo feminino que me horrorizava. A terceira, quando me olhava no espelho, analisando a mudança do meu físico ao longo dos anos. Não buscava sinais de velhice ou maturidade, mas os possíveis efeitos da ginástica para combater os caracteres secundários, causados pelos hormônios femininos que meu próprio corpo fabricava. (NERY, 2011, p. 93)

O aparecimento dessas “marcas”, em uma sociedade em que a diferença entre os gêneros é baseada em um modelo explicativo dimórfico, faz com que símbolos, como os seios adquirem um poder de verdade absoluta sobre os gêneros (BENTO, 2006). De modo que então, essas marcas se tornam para esses sujeitos, aquilo que Goffman (1982) definiu como “atributo depreciativo”, que na experiência transexual se convertem na ferramenta de denúncia do distanciamento das normas de gênero socialmente previstas, transformando quem as possui em seres estigmatizados.

Na trajetória dos transexuais, o aparecimento desses atributos significa também o início dos processos de exclusão e marginalização, em função de seus sinais de “desvio” das normas de gênero, se tornarem cada vez mais visíveis. Berenice Bento (2006) define o simples enunciado desses símbolos generificados, como os seios e o pênis, na experiência transexual, como palavras que contagiam, que segundo ela “Ao serem pronunciadas, desencadeiam um conjunto de posições identitárias para quem as emite e para quem as escuta.” (BENTO, 2006.p: 185).

E assim, a partir do aparecimento desses novos símbolos, que apontavam e potencializavam para a condição de estigmatizado de João, se torna então necessário o desenvolvimento de novas estratégias, que se não os escondessem completamente, ao menos amenizassem seus impactos nas interações sociais cotidianas de João, por meio do controle da informação acerca de sua condição.

4.5 O aprendizado de manipulação da identidade

O estabelecimento de contato social de uma maneira geral, e mais ainda a interação de indivíduos portadores de estigma, entendendo aqui estigma tal como formulado por Erving Goffman (1982) - como um atributo depreciativo atribuído a um indivíduo por outros

indivíduos - é um processo pautado pela manipulação das informações pelos atores da ação durante a experiência de interação. João Nery como um psicólogo de formação, e que muito provavelmente acessou esse tipo de teoria de viés interacionista, elabora muito bem esse tipo de estratégia de apresentação de si em sua trajetória de desviante, como quando, por exemplo, ele afirma que:

Defensivamente, agia de forma tal que canalizava a atenção dos outros para características diferentes das do meu verdadeiro estigma. Era uma espécie de pista falsa, de conduta desidentificadora, para evitar rótulos tão incômodos. (NERY, 2011, p.50)

Esse controle da informação social durante a interação é um elemento constituidor das relações sociais, e pode ser definido como um processo de transmissão e recepção de símbolos e signos (GOFFMAN, 1982). Contudo, a constante expectativa que a audiência gera no indivíduo estigmatizado durante a interação, em função da falta de informação acerca do que a audiência de fato sabe a seu respeito e/ou sobre sua condição de estigmatizado, é um jogo que segundo João Nery, ocasionalmente lhe colocava em situações embaraçosas:

Viver dois gêneros numa só vida era enlouquecedor. Cansava-me de estar sempre pulando de um lado para outro. Uma hora, engrossava a voz, em outra era obrigado a afiná-la; ou me viam como um menino de 16 anos e me barravam em qualquer ambiente impróprio para menores, ou como uma mulher que já passava da idade de casar. Num primeiro contato, nunca sabia como estavam me vendo. Antes de falar, esperava pelo tratamento, se ia ser senhor ou senhora. Só então sintonizava meu modo de agir. Estava farto de condutas tão diametralmente opostas, em que minha imagem era julgada pelos outros conforme as conveniências. (NERY, 2011, p. 129)

Outra técnica que João lança mão como estratégia que visa desviar o foco de seu estigma, é a dedicação com afinco aos estudos, já que, segundo ele, “a sociedade tenderia a julgar menos os ricos e os intelectuais”, e como ser rico não lhe era possível, que ao menos lhe sobrasse a proteção da intelectualidade, e assim o fez, chegando a dar início inclusive a um curso de mestrado. O que em alguma medida poderia funcionar também como uma estratégia de fazer com que sua informação biográfica suplantasse sua condição de estigmatizado (GOFFMAN, 1982). Contudo, o risco de ser descoberto era uma realidade sempre presente, João afirma que:

Sair em público significava entrar em prontidão. Precisava prestar atenção o tempo todo à minha figura em relação aos outros. Ficava exausto com a preocupação continua de manter a voz grossa, os gestos contidos para não perceberem os seios nem a falta de pênis. (NERY, 2011, p. 81)

A interação social na vida pública é sempre um momento permeado por tensões e negociações para o indivíduo portador de alguma característica estigmatizada. Segundo Goffman (1982), a área de manipulação do estigma é algo que pertenceria fundamentalmente a vida pública e no contato com estranhos, nesse sentido fazendo parte da identidade social do indivíduo. Assim, a condição de indivíduo *desacreditavel* de João, sempre lhe exigia estar em estado de atenção durante os contatos sociais com desconhecidos, para que se sua identidade de estigmatizado não viesse à tona e seu “segredo” revelado, o que faria com que se tornasse um sujeito socialmente desacreditado.

Desse modo, João se via cada vez mais, impelido a aproximar a sua identidade social de sua identidade real, ou seja, a adequar seu corpo à forma como ele, e agora uma parcela da sociedade, o enxergava, entretanto por volta dos anos 1970, essa ainda não era uma possibilidade que João Nery conhecia, mas isso também estava prestes a mudar.

5 O PREÇO DO PIONEIRISMO

5.1 Primeiro contato com o processo de transição

A experiência de João Nery deve ser analisada, dentro de um contexto histórico específico. Ao fazê-lo, torna-se possível pensar sua trajetória inclusive, como pertencendo a uma primeira geração de transexuais brasileiros, ao menos no que diz respeito a conquista de direitos e visibilidade. No exame da trajetória de vida de Nery, se torna fundamental analisá-lo sempre de maneira interseccional, considerando-se os diversos marcadores sociais que foram importantes, e atuaram contribuindo para que tal trajeto de fato pudesse existir. Assim, a transição de gênero empreendida por João, é fruto de um período histórico e de um contexto social bastante específico, com esses elementos atuando como facilitadores em alguns sentidos ou como dificultadores em outros.

No primeiro contato de João com a possibilidade de uma cirurgia que pusesse fim ao seu desconforto em relação ao próprio corpo, e que o tornasse definitivamente um homem aos olhos da sociedade, mais uma vez o marcador social de classe se fez presente e determinante. Pois fora somente em uma viagem para a Europa, em 1975, que ele pode então ter conhecimento que esses procedimentos existiam, já que no Brasil do período militar, o assunto ainda era pouquíssimo difundido. Desse modo, foi numa livraria de Paris, que Joao teve seu primeiro contato com as informações que mudariam suas perspectivas em relação ao futuro. Ele descreve esse momento de descoberta da seguinte maneira:

Trazia como subtítulo a palavra *sexualité*. Dei uma olhadela no índice. Precisamente no capítulo cinco havia uma reportagem em que um médico falava sobre cirurgias transgenitais, feitas em alguns países com grande sucesso. Referia-se apenas, a transmulheres, na época chamadas transexuais femininas, caso tecnicamente mais fácil de resolver que o dos trans-homens. (NERY, 2011, p. 135)

Já de volta ao Brasil, João afirma ter procurado aprofundar-se com afinco no recém descoberto tema das cirurgias de transgenitalização, em grande medida em razão do receio de tomar uma atitude que pudesse vir a se arrepender. Segundo ele, quanto mais pesquisava sobre o tema, mais essa se tornava a meta fundamental de sua existência: “Querida me submeter logo a uma operação, mas cirurgias desse tipo não eram feitas no Brasil, por serem ilegais. Fiquei sem saber por onde começar.” (NERY, 2011. p.142).

No entanto, mais uma vez sua posição de classe foi determinante para traçar sua trajetória. Por intermédio de uma amiga sexóloga, obteve conhecimento de um médico endocrinologista, que iniciava na época um grupo de estudos acerca da temática da transexualidade no país. Contudo, o preço de ser o primeiro em sua jornada lhe era cobrado: o médico, segundo ele, fora categórico ao afirmar que:

Você como mulher, a coisa se complica. São casos mais raros, e as cirurgias mais complexas. Até agora só um veio as mãos, e depois de aprovado o encaminhamos aos Estados Unidos. É necessário que saiba que sua reprovação poderá ocorrer em qualquer etapa. (NERY, 2011, p. 145)

Ainda que nessas condições, nesse período João começou a realizar exames e semanalmente comparecia ao hospital. Iniciando também o acompanhamento psicológico e psicoterápico, processo necessário para que se tornasse apto a realizar a cirurgia, mesmo que essa fosse possível de ser feita somente nos Estados Unidos, algo que João no período não teria como arcar financeiramente. Foi também nesse período que ele teve conhecimento de um médico, um cirurgião plástico, de São Paulo, que realizava cirurgias em mulheres transexuais com grande êxito, no Brasil, no entanto de maneira ilegal, já que tais cirurgias ainda não eram permitidas no país.

Ao entrar em contato com o cirurgião que realizava as cirurgias de forma clandestina no país, novamente, origem de classe de João Nery aparece como um importante marcador de diferenciação, principalmente operando como uma marca de distinção dele para os demais *outsiders* que recorriam ao cirurgião. A importância desse marcador fica evidente na fala do cirurgião plástico ao constatar a sua marca de diferenciação para os demais pacientes:

[..] é o primeiro que vem a mim apresentando um nível de instrução superior. Como é também psicólogo, vejo uma possibilidade de que nos traga muitas contribuições. É uma pessoa de boa formação familiar, muito inteligente, e acima de tudo, parece-me acima de tudo muito lúcido. [...] A maioria que veio a mim era de transfemininos (transmulheres) com baixo poder aquisitivo e intelectual. Quase todas foram expulsas da casa dos pais e tiveram de se manter sozinhas, em empregos como manicure, cabeleireiro ou em show de travestis. (NERY, 2011, p. 160,161).

Mesmo realizando a cirurgia clandestinamente, João ainda teria que passar por todos os trâmites burocráticos do processo, como a obtenção de laudos atestando sua condição de transexual, como uma exigência do médico. O primeiro psiquiatra, a acompanhar João para o processo pré-cirúrgico, recusou-se a dar o laudo de que ele necessitava, por “dúvidas quanto ao tema e receio de se comprometer”, demonstrando que mesmo sendo possuidor de diversas marcas que o diferenciava dos demais desviantes, na relação hierárquica reproduzida na

interação médico-paciente, o prestígio de seu lugar de classe pouco influenciava. E no caso específico de João, a relação médico/paciente que normalmente já é marcada pela presença dessa relação de poder, adquire ainda como um fator potencializador, o fato de que o status e a credibilidade do médico também estariam sendo postos a prova nessa tomada de decisão.

Esses processos de interação nos quais o conhecimento biomédico se apresenta como um dos atores da ação é rotineiramente marcado pela perda de autonomia do paciente. Isso ocorre em função da forma como a medicina moderna passou a exercer a tutela sobre os indivíduos e seus corpos. Esse processo permitiu ao conhecimento médico adquirir o status de produtor hegemônico de verdade sobre esses corpos. Dessa forma, o Estado, atuando por meio de ferramentas como o biopoder e da biopolítica (FOUCAULT, 2011), faz com que qualquer sensação de autonomia dos indivíduos não passe de uma ilusão.

João narra com bastante riqueza essa sensação de tutela que o processo cirúrgico lhe impunha, João Nery, afirma que:

[...] estava completamente nas mãos dos outros. O problema era meu; quem sofria e sabia do que se passava dentro de mim era eu. No entanto, era uma equipe multidisciplinar “especializada” que decidiria o que eu era, como me sentia, qual a melhor solução para a minha vida. Sem qualquer liberdade de escolha e ainda dando graças a Deus por existir uma saída! (NERY, 2011, p.163)

O tema da perda de autonomia dos indivíduos transexuais nos processos de transição de gênero, não é algo que tenha ficado no passado e que diga respeito somente à experiência de João, até os dias atuais ele permanece como um ponto de disputa no campo médico e da transexualidade. Muito desse impasse vem do fato da transexualidade ainda figurar como um transtorno mental no *DSM* (Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais). Assim, ainda “na atualidade, a transexualidade é classificada como um transtorno de identidade de gênero e define-se como principal recurso terapêutico para ela a adequação cirúrgica da anatomia ao gênero.” (ALMEIDA & MURTA, 2013, p: 384).

O processo transsexualizador tal como implementado pelo SUS, ao adotar também essa perspectiva patologizante da identidade transexual, condiciona o acesso ao processo, ao acompanhamento psiquiátrico, e à realização da cirurgia aos laudos médicos, que atestem o transtorno de identidade de gênero do paciente. Para autores como Avila (2014) seria fundamental que o conceito de integralidade, um dos princípios fundantes do SUS, fosse de fato posto em prática para que dessa forma, o acesso às transformações corporais da população transexual não fosse condicionado ao diagnóstico.

Esse tipo de perspectiva, que produz a medicalização da transexualidade acaba por promover através obrigatoriedade do diagnóstico, a patologização e por consequência a estigmatização da identidade desses indivíduos, quando retira a autonomia e o poder de decisão sobre seus corpos. Sem que, no entanto, se considere que essa patologização da identidade transexual também é na realidade uma construção histórica, e um campo de disputas científicas capitaneadas pela biomedicina e as áreas *psi* (ALMEIDA & MURTA, 2013).

Acerca do caráter contextual das categorias de normalidade de anormalidade, e patologização Geroges Canguilhem (2011) propõe que tanto o normal quanto o patológico seriam noções que deveriam ser analisadas a partir de uma perspectiva sempre relacional e contextual. Tendo em vista que o indivíduo e o meio que o cerca, considerados separadamente, nunca seriam passíveis de serem definidos como normais ou anormais, é somente a partir da relação entre eles é que se estabelecem esses tipos de definições. Para o autor, ambas as categorias não se tratariam nunca de realidades absolutas, se tratariam na realidade de processos sociais dinâmicos, nos quais tanto as definições de normalidade quanto de patologia seriam passíveis de alterações ao longo do tempo. Desse modo, o processo de patologização das identidades transexuais deve ser sempre observado tendo em vista seu caráter de constructo social localizado dentro de um recorte histórico.

Já a respeito do processo de medicalização que os indivíduos transexuais estão sujeitos, Peter Conrad (2007) afirma que esse processo de medicalização diz respeito as dinâmicas pelas quais problemas comuns da vida cotidiana, se tornam arenas de domínio do conhecimento biomédico, regime que faz com que determinadas características dos sujeitos passem a ser tratadas como doenças e ou transtornos. Essa aproximação do conceito de medicalização com o universo transexual se mostra de grande importância, quando se tem em vista que a experiência de vida desses sujeitos é sempre permeada pela biomedicina. Dessa forma a trajetória de João Nery não é diferente, e desde o início de sua transição a medicina adquire uma posição central no percurso que toma sua história de vida.

Percurso que seria radicalmente transformado após os procedimentos cirúrgicos. Quanto aos impactos que a cirurgia teria sem sua vida, João os encarava com bastante lucidez, sabia que ao se submeter a um processo ilegal, estaria sujeito às mais diversas sanções, desde a perda de sua identidade profissional, até possíveis impactos negativos em suas relações pessoais.

Tinha consciência dos perigos e das sequelas que as cirurgias poderiam acarretar. Sem dúvida, o saldo continuava sendo positivo. Não me tornaria nenhum Apolo, mas poderia fazer coisas a que, até então só a fantasia me dava acesso. Principalmente, ser visto e tratado como me via. (NERY, 2011, p.176)

Os “perigos” ao quais João se refere, em grande medida poderiam estar associados ao fato dele estar se submetendo a um processo cirúrgico clandestino, para o qual não lhe eram oferecidas muitas garantias. Esse cenário só mudaria no ano 2008 quando é instituído na rede pública de saúde brasileira o processo que garante o tratamento para o transito de gênero de indivíduos transexuais, um marco significativo no reconhecimento da cidadania transexual no país. Contudo, a invisibilidade dos homens transexuais se faz presente mais uma vez, e o acesso para homens trans só seria garantindo alguns anos depois.

Foi em 2008 que o Ministério da Saúde institui o Processo Transexualizador no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) com a publicação da Portaria nº 1.707. Nesta portaria, foram incluídos os procedimentos de redesignação sexual para mulheres trans, isto é, de homem para mulher, centrando a atenção à saúde no âmbito hospitalar. Os transhomens ficaram de fora desta Portaria, sendo que a sua inclusão nesse Processo aconteceu apenas em 2013. (AVILA, 2014, p. 23)

Somente no ano de 2013 por meio da portaria nº 2.803 do Ministério da Saúde ocorre a ampliação do processo transexualizador e os homens transexuais são de fato incluídos no programa. O processo transexualizador masculino (FtM) é composto atualmente por três cirurgias, a *mastectomia*, retirada total dos seios, a *hitectomia*, que é remoção dos órgãos reprodutores internos, e a terceira e última fase, a *neofaloplastia*, a construção do pênis. Esta cirurgia, em específico, pode se dar por meio de diversas técnicas, e atualmente tem se privilegiado a técnica realizada por meio do aproveitamento do próprio clitóris, o que além de diminuir a chance de rejeição ao novo órgão, que é alta nesse tipo de cirurgia, permite também a manutenção da sensibilidade no novo pênis.

Hoje em dia, por meio da Resolução do CFM nº 1.955 do ano de 2010, a maioria das cirurgias realizadas por homens transexuais já não são mais consideradas experimentais. A partir da publicação da portaria de 2010, processos como a hormonioterapia, mastectomia, e a histerectomia perderam seu caráter experimental, contudo o mesmo não ocorreu com a neofaloplastia com essa ainda sendo realizada somente a título experimental no país (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, 2014).

Na experiência de João Nery, obviamente, mais uma vez pela falta de referências anteriores e da ilegalidade circunstancial da cirurgia, todo o processo ocorreu de maneira quase experimental. Nesse sentido tal como João, a equipe médica tateava no escuro quais

caminhos seguir. A primeira cirurgia a que João foi submetido tinha como intuito a retirada total dos seios - já que em outras duas cirurgias já os tinham reduzido - e a feitura da *neouretra*. Para posterior construção do novo pênis, o que nunca realmente se efetivaria por opção do próprio paciente.

Mesmo com toda a angústia e do sentimento de risco que a experiência provocava, João descreve o período como uma fase positiva de grande ansiedade e expectativas com o futuro que lhe aguardava. Os resultados das cirurgias, apesar de alguns contratemplos do pós-operatório, atenderam às expectativas de João, e, desse modo, possibilitaram que atividades corriqueiras da vida de um homem, pudessem ser experienciadas com toda alegria e entusiasmo de alguém que está começando uma nova vida:

Só quando passou a dor foi que pude curtir os efeitos desse recente orifício, que agora se posicionava bem mais acima do outro. Se me sentasse no vaso e me inclinasse bem para a frente, poderia urinar sem molhar o chão. Mas para que? Maravilha mesmo era levantar a tampa e mijar de pé! Ainda não havia o pênis para eu segurar, e ter de colocar o dedo também me incomodava, mas já dava para sentir o gostinho de como seria futuramente...[...] A partir daí, mijar virou divertimento. (NERY, 2011, p. 192)

A próxima intervenção a ser realizada, a histerectomia, só foi possível em função da rede de contatos pessoais de João Nery. Já que o médico que efetuara as operações anteriores, se recusara a realizar mais essa, como era de se esperar por não se tratar de sua área de especialidade, a cirurgia plástica. Além da alta carga de julgamento moral que a cirurgia de esterilização proporcionava naqueles que não conseguiam compreender a identidade de gênero do paciente. Assim, por intermédio de uma médica amiga de sua família, João conseguiu um cirurgião que realizasse a intervenção seguinte, e desse modo pudesse dar prosseguimento a sua tão aguardada transição.

Essa cirurgia em específico era de grande importância para João, seu valor ultrapassava o caráter puramente físico, já que seria ela que o afastaria do fantasma que tanto o assombrava, a “monstruação”. A intervenção o livraria também da obrigatoriedade de tomar inibidores de hormônios para neutralizar a ação daqueles que eram produzidos pelos seus ovários, o que também significava um enorme ganho para o paciente. Diferentemente do que é feito nos dias atuais, João só deu início ao seu tratamento hormonal após a realização das cirurgias, decisão tomada por uma escolha própria, pelo receio de que o efeito dos hormônios pudesse atrapalhá-lo em seu trabalho da época, já que o impacto dos hormônios masculinos em seu corpo se tornaria diariamente mais visíveis.

O tratamento hormonal, realizado no processo transexualizador e que está hoje disponível na rede pública de saúde, tem por objetivo induzir o aparecimento de caracteres sexuais secundários de acordo com o gênero identificado. A terapia deve ser prescrita por um médico endocrinologista ou urologista, e o tratamento deve ser realizado pelo resto da vida do paciente transexual. São diversas as opções de medicamentos disponíveis no mercado, no caso dos homens transexuais a substância mais utilizada é a testosterona. (ARÁN & MURTA, 2009).

Após as cirurgias e a hormonização inaugura-se na vida de João Nery, um novo período, e nessa nova fase João experimentava algo inédito, algo que nunca sentira em sua trajetória de vida, ele enfim se sentia realizado, podia finalmente sentir a sintonia entre seu corpo e sua mente:

Não só pela contínua ação do hormônio como também pelas atividades a que me entregava, meu físico foi se acomodando pouco a pouco ao modelo que sempre imaginara: tórax amplo, com braços e pernas fortes. Finalmente era um homem! De carne e osso e não somente na imaginação! Restava-me ainda ser carimbado e protocolado. Agora meu corpo se moldava melhor à minha essência. A nova harmonia transparecia numa expansividade natural, diferente dos gestos mais tímidos de antes. (NERY, 2011, p. 220)

Essa passagem traz à tona um importante material analítico para se desconstruir a lógica biologicista que associa o homem/pênis e mulher/vagina. Nesse novo momento de sua vida, João mais uma vez recorre a um discurso que tem na essência sua base de argumentação. Entretanto, agora para João Nery, a essência de sua identidade tomava forma em seu corpo, ela agora é refletida em seus braços, pernas e tórax, em sua narrativa é como se afirmasse que ele deixara de ser um homem abstrato, do mundo de sua imaginação e se tornasse um homem real.

Mais uma vez na trajetória de João Nery o sentimento de ambiguidade faz-se presente. Ao mesmo tempo em que experimentava o desconhecido prazer de se reconhecer em seu próprio corpo, é também nesse período em que se vê obrigado a abandonar sua vida, seu nome e sua profissão e a abraçar a ilegalidade como forma de estratégia de sobrevivência.

5.2 Da identidade ilegal

A imersão na clandestinidade para que pudesse vivenciar sua identidade de gênero, não se restringiu somente ao processo cirúrgico em si. Na realidade é possível se pensar, que sua condição ilegal apenas teve início com o processo cirúrgico, já que a partir dessa experiência tudo que dissesse respeito à Joana teria que ser deixado para trás para que o João enfim pudesse nascer. Novamente recorrendo às suas relações pessoais, João formula estratégias ilegais para a obtenção de novos documentos de acordo com sua identidade de gênero, no entanto para isso foi também necessário a criação de uma nova identidade, propriamente dita, bastante diferente da anterior em diversos aspectos.

Foram muitos os recursos mobilizados para a obtenção de cada um dos novos documentos do também novo cidadão brasileiro João W. Nery. Quando do momento do alistamento militar, obrigatório para a obtenção do certificado de reservista, documento ainda compulsório para indivíduos do sexo masculino no Brasil, João se lembra de pensar na sua nova condição que:

[...] estava eu, perfilado, diante da bandeira do Brasil e, enquanto prestava juramento de servir ao meu país em caso de ameaça externa, pensava que, enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como Joao, tinha perdido todo o meu currículo escolar e vida. Era um analfabeto, sem direito nem aos anos de trabalho em carteira. Não entraria na justiça porque havia a exigência do término cirúrgico e não correria o risco de ficar à mercê dos juízes, cuja a maioria continuava preconceituosa e ignorante sobre a questão da transexualidade. (NERY, 2011, p. 234)

O nome e os documentos sempre foram questões de grande incômodo para João, afinal por mais que após as intervenções se parecesse fisicamente com um homem, sempre que fosse necessária uma apresentação de cunho mais formal, ou institucional, sua identidade de indivíduo desacreditável (GOFFMAN, 1982), era acionada, e todo o fantasma e o receio de ser descoberto, vinha à tona, junto com o sentimento de inadequação experimentado por toda uma vida. Ao se recordar de um desses momentos, uma ida ao médico, ele detalha o sentimento de apreensão que a menção do nome de registro lhe proporcionava:

“- Dona Joana!” – Gritou o técnico radiologista, chegando à porta. Todos os rostos convergiram para mim quando me levantei na sala de espera. Ouvi alguém sussurrar: “Chamaram Joana, não foi?”. O pior, entretanto, seria agora, quando enfrentaria a cara do profissional. Mais um desgaste brutal e humilhante. (NERY, 2011, p.123)

Nesse sentido, o nome, que é um dos símbolos culturais que singulariza os indivíduos na sociedade ocidental, na trajetória de vida de pessoas transexuais, pode operar também como a ferramenta que condena esse sujeito, ou como o índice que aponta sua condição de estigmatizado e de desviante da norma. Antes da obtenção, mesmo que ilegal, dos documentos, João se lembra de quando mais jovem, usar uma carteira de identificação falsa como estratégia de resolução do desconforto que sua imagem, em desacordo com o nome e o gênero dos documentos oficiais provocava, em ocasiões diversas do cotidiano, lembranças que ilustram a centralidade que a discordância entre o nome e sua imagem sempre ocupou em sua trajetória de vida.

Ao contrário do que ocorreu com o processo cirúrgico de transição de gênero, que com a regulamentação do processo transexualizador pelo Ministério da Saúde através da portaria GM nº.1.707, de 18 de agosto de 2008, deixou de ser um caminho ilegal para os indivíduos transexuais que desejam fazer a transição, o mesmo não aconteceu com mudança do nome e do gênero nos documentos civis. No Brasil, esse ainda se trata de um processo moroso e muito difícil, que somente nos últimos anos vem se desvinculando do processo cirúrgico, diferentemente do que ocorre em outros países da América Latina. Como é o caso da vizinha Argentina onde já se encontra em vigor uma lei, desde 2012, que permite que indivíduos transexuais possam mudar seus documentos sem o compromisso com as transformações corporais, tendo como única exigência a idade mínima legal. Por aqui lei semelhante encontra-se em tramitação desde 2011 no congresso nacional sem que se consiga avançar em sua aprovação ou ao menos em seu debate público.

O próprio João Nery reconhece alguns avanços nos últimos anos, nesse aspecto do reconhecimento do nome social – aquele com o qual os indivíduos de fato se identificam – dos transgêneros em algumas instituições na sociedade brasileira, como realmente se pôde observar nos últimos tempos, quando por meio de decretos e portarias, passou-se a garantir o direito ao uso do nome no SUS. No âmbito educacional algumas universidades e escolas também vêm adotando a medida na documentação interna, e até a própria Receita Federal, em meados de 2017 passou a autorizar a presença do nome social junto ao nome de registro no CPF (Cadastro de Pessoa Física). Tais medidas começam a ganhar força também em instituições particulares. Contudo, João é contundente, ao afirmar que essas medidas não são o bastante, segundo ele, elas funcionam como uma espécie de “*band-aid* que tapa, mas não resolve” de fato o problema.

Em uma conversa narrada por João com amigos transexuais de sua geração sobre esses avanços a respeito da autorização do uso do “nome social”, se referindo a autorização dada pelo CRP (Conselho Regional de Psicologia) seu antigo conselho profissional, ele afirma que:

Em junho de 2011, o CRP autorizou os trans e os travestis a usarem o nome social na carteira de identidade profissional do psicólogo, mas no campo da observação, o que pode complicar ainda mais a situação da pessoa. É um avanço jurídico, sem dúvida, porém a sociedade continua nos discriminando e nem a Lei Anti-homofobia foi aprovada no Congresso. Estigmas não podem ser revogados. Não se mudam hábitos e crenças mediante decretos. Para mim, chegou um pouco tarde. (NERY, 2011, p. 316)

Desse modo, por mais que se avance no sentido de se reconhecer os direitos civis dos indivíduos transgêneros no país, o peso de ter sido o primeiro não é algo que possa ser revertido. É obvio que qualquer avanço no caminho de garantir que mais pessoas não sejam taxadas de *erros de pessoa*, ou que sejam tratadas como *cobaias da medicina*, é bem-vindo e mais do que benéfico, contudo para o primeiro a cruzar o caminho, sim, “chegou um pouco tarde”.

6 DE JOANA A JOÃO, CONSTRUINDO O MASCULINO

6.1 Desenvolvendo possibilidades

Para João o início da vida com a identidade social masculina não coincide com o período pós-cirurgia. Desde muito antes ele já experimentava e fantasiava como seria viver publicamente como homem, seja pelas brincadeiras ainda do período da infância com a irmã, ou como se pode notar em uma passagem em que já adulto pôde vivenciar, de maneira quase acidental essa possibilidade de se apresentar ao mundo da forma como ele de fato se sentia. Algo até então novo para ele, mas que foi capaz de lhe proporcionar o sentimento de invisibilidade que a normalidade é capaz de possibilitar para quem dela goza como um privilégio.

Um dia, por acaso, ao sair de casa, esqueci a bolsa a tiracolo. Fiquei surpreso ao constatar que ninguém na rua me olhava! Deduzi que, se me aperfeiçoasse mais nos caracteres masculinos, passaria completamente despercebido. Obtive, assim, vantagens na esfera social. Uma liberdade que nunca antes havia desfrutado. Podíamos caminhar abraçados e até nos beijar em plena rua. Finalmente vivenciava, no nível da realidade, meu verdadeiro gênero. (NERY, 2011, p. 80)

O sentimento de liberdade de apresentar o seu gênero em público leva-o cada vez mais a querer viver sua identidade masculina. Assim, progressivamente a figura de Joana, ia perdendo espaço na esfera pública em detrimento da imagem de João. Quando finalmente consegue realizar sua transformação definitiva, ele já se encontrava completamente adaptado ao papel social do sexo oposto, que é inclusive uma das condições para a realização da cirurgia até os dias de hoje.

Entretanto, essa nova fase de descobertas é também marcada pela confusão causada pela presença de símbolos generificados em um corpo ainda parecia ambíguo. Durante o período em que João experimentou a androginia, ou no início de seu processo de transição de gênero, o custo de se viver em uma matriz binária de organização social surge como mais um obstáculo a ser superado.

A organização dicotômica macho/fêmea, da realidade social faz com que um ser que não se encontra em um dos polos de inteligibilidade cultural, e na verdade nesse caso se encontrando entre os polos conhecidos e aceitos, se torne um indivíduo possuidor dos atributos de liminaridade. A característica de liminaridade quando atribuída a um determinado

indivíduo, faz com que esse passe a gozar do status pejorativo que a indefinição e transitoriedade atribuem aos sujeitos, faz com que esse sujeito passe a habitar o espaço que Victor Turner (1974) define como sendo um não lugar dentro da estrutura social. A respeito desse sentimento de não pertencimento às categorias estabelecidas, João afirma que:

Outra consequência de viver duas identidades, foi que meu campo de ação se restringiu. Enquanto homem, esbarrava numa série de obstáculos: ir à praia de sunga, urinar em mictórios públicos (sempre precisava de reservados para me trancar), apresentar documentação, pegar mulheres na rua. Como mulher, também não podia mais frequentar os mesmos ambientes que anteriormente me eram permitidos. Minha figura agora já tinha caracteres de macho, como pernas cabeludas, corte de cabelo bem curto, o que me impedia igualmente de ir à praia, a toaletes femininos e apresentar meus próprios documentos sem causar escândalo e confusão. Eu era ambos os gêneros e, ao mesmo tempo, não era nenhum dos dois. (NERY, 2011, p. 83)

Possuir símbolos associados aos dois gêneros mostrou-se um embaraço a mais para o qual João ainda não estava preparado. De modo que, essa dificuldade de aceitação, ou de reconhecimento que a experiência de androginia e ambiguidade provoca em uma sociedade pautada no binarismo de gênero, levou João Nery a desenvolver suas próprias estratégias para não chamar atenção em situações públicas de interação. Ele desenvolveu assim, técnicas corporais que o ajudassem a interagir com os demais indivíduos, reproduzindo nesse processo um modelo estilístico de masculinidade, que estivesse enfim em consonância com a sua identidade de gênero.

6.2 Técnicas corporais de construção do masculino

São muitas as estratégias que podem ser acionadas nas dinâmicas de interação social, no que diz respeito à apresentação de si, e o impacto pretendido com essa apresentação (GOFFMAN, 1982). No entanto, na experiência transexual essa apresentação de si perde um pouco o seu caráter exclusivamente subjetivo e simbólico, e passa a adquirir contornos verdadeiramente físicos, ao mobilizar uma certa materialidade. A construção da imagem desses indivíduos torna-se aquilo que Marcel Mauss (1974) definiu como sendo técnicas corporais, ou as formas como os homens e as mulheres aprendem a se servirem de seus corpos. Tendo a noção de Mauss (1974) como referencial teórico, torna-se então possível afirmar que os indivíduos por meio do uso que fazem de seus corpos também promovem o

controle da informação de si durante a interação social (GOFFMAN, 1982), fazendo-o por meio das técnicas corporais socialmente codificadas e transmitidas.

Assim João, em certa medida, desenvolve técnicas, mas acima de tudo aprende a reproduzir as estratégias corporais de construção e de reprodução social do masculino, em um exercício que envolve além da aprendizagem corporal, o aprimoramento de apresentação de si, de forma a causar na audiência a impressão desejada, a de pertencimento ao universo masculino, durante o ato de interação social:

A postura encurvada acentuava o porte fora do prumo. Só era visto como mulher na sala de aula pela forçosa apresentação, que, inapelavelmente, tinha de fazer. Fora isso os outros alunos, professores e empregados da universidade que não me conheciam viam-me como homem. Inclusive, uma das minhas grandes dificuldades era ir ao banheiro. Arrisquei-me um dia para nunca mais. (NERY, 2011, p. 129)

João nessa fase já usava roupas masculinas, mas viu que para ter sucesso em seu projeto de se apresentar como homem aos olhos da sociedade, seria necessário também o desenvolvimento de uma postura física que fosse interpretada como masculina. Contudo, é importante que se diga que o desenvolvimento dessas técnicas corporais codificadas socialmente como masculinas, não é uma estratégia exclusiva, ou acionada somente por homens transexuais. Desde muito cedo os meninos aprendem quais são as posturas esperadas de um homem, ou quais posturas os condenaria à desprestigiada categoria de “mulherzinha”. Assim, João também aprendera logo qual era a postura esperada de um homem, e quais gestos lhe eram permitidos:

Andar vestido de homem na rua fazia com que eu me sentisse muito bem. O desagradável era parecer um garotão imberbe, com uma voz de taquara rachada. Comecei a desenvolver uma observação mais apurada e minuciosa do comportamento social masculino: gesticulação, hábitos, cacoetes e maneirismos. Andar com a mão direita metida na abertura da camisa, na altura do peito, era um gesto descompromissado e bem característico da conduta dos homens. Servia-me como um dissimulador. (NERY, 2011, p. 81)

Na leitura desses fragmentos um dado significativo não pode escapar ao leitor: a identidade profissional de psicólogo de João Nery, e principalmente as habilidades adquiridas através dela. Dentre elas, a reflexividade que a profissão proporciona que se torna uma ferramenta de grande utilidade para Nery, sendo mobilizada no trabalho de apresentação de si, por meio de uma “observação apurada”, como descrita por ele, dos gestos que serão reproduzidos e quais serão evitados. Há dessa maneira um trabalho similar ao de um ator na

elaboração de uma performance que vá ser convincente, trabalho para o qual o olhar de “psicologizado” de João goza de uma importante vantagem.

A narrativa de João evidencia aquilo que Mauss (1974) já explicitava em seu trabalho seminal, a importância exercida pela cultura sobre a conformação dos corpos dos indivíduos. E mais do que isso, a experiência de João Nery é útil para ilustrar de maneira contundente a dinâmica de como se dá o processo de identificação de homens e mulheres em cada sociedade, principalmente ao apontar para a forma como essa identificação está diretamente associada a mobilização de um determinado conjunto de códigos corporais e gestuais que são ritualizados e transmitidos por meio da socialização. Essa transmissão dá-se de forma quase que imperceptível, fazendo com que essas técnicas e usos adquiram por vezes características que tornem inconsciente esse processo de transferência, transformando-a numa espécie de segunda pele dos indivíduos.

A transmissão inconsciente dessas técnicas, segundo Le Breton (2006), seria o mais alto nível que uma técnica corporal poderia atingir que é a capacidade de se impor ao indivíduo sem que seja necessário um aprendizado prévio ou um preparo, ou seja, como se fosse algo inerente à própria condição humana. Nesse sentido a masculinidade de João Nery, cada vez mais extrapola o campo somente da construção de uma imagem masculina abstrata, e ganha contornos corpóreos se tornando uma performance socialmente masculina que goza também de uma certa materialidade, em um processo no qual sua identidade masculina deixa de existir somente dentro de sua cabeça do autor, e faz com que a figura de João W. Nery ganhe vida no mundo.

6.3 A performatividade masculina

A performatividade do masculino em nossa sociedade pode ser entendida como a reprodução estilística de modelos ideais de masculino. Muitas vezes nessa dinâmica recorrendo-se a uma visão estereotipada dos gêneros, como forma de garantia da manutenção das noções de feminino e masculino como categorias estanques ou radicalmente opostas. Tomando-se emprestado de Judith Butler (2014) seu entendimento de performatividade como a repetição estilizada dos atos de gênero, bem como uma “construção dramática e contingente de sentido”. Para a autora:

O fato de a realidade de gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2014, p. 201)

Ainda de acordo com Butler (2014) a performance é sempre uma ação pública realizada tendo como principal intuito a manutenção binária da ordem dos gêneros. Desse modo, na autobiografia aqui analisada, é também possível se observar a reprodução desses estereótipos de gênero, sem que, no entanto, esse tipo de recurso seja somente uma característica do discurso dos homens transexuais. Todos os homens, em seus processos de construção da subjetividade masculina, tenderiam a reproduzir o que se espera ser o comportamento ideal masculino, comportamento esse que é sempre baseado em um modelo de masculinidade hegemônico (CONNEL, 1987), como pode ser observado quando João Nery afirma que:

Socialmente, sentia-me obrigado a desempenhar o papel de cavalheiro: abrir portas, pagar contas, chamar garçons. Questionava intimamente o convencionalismo que essas atitudes representavam, mas queria atuar, simplesmente como todos os demais. (NERY, 2011, p. 78)

Esse tipo de argumentação de João chama atenção para o fato de que mesmo sem concordar com tal visão, como uma estratégia de criação de aceitação e pertencimento, ele se via compelido a corresponder às expectativas sociais referentes ao modelo de masculinidade hegemônico, tornando-se, em alguma medida, cúmplice desse padrão. Esse protótipo de masculinidade hegemônica é sempre formulado em associação com outros modelos, a saber, os estilos subordinados (CONNEL, 1987), nesse sentido torna-se possível se pensar que a masculinidade performada por João seria um desses modelos subordinados relativos ao padrão hegemônico. Realidade que aponta para a relação de negociação contínua que é estabelecida entre esses modelos.

A coexistência de modelos distintos faz com que homens que não se adequem ao paradigma hegemônico de masculinidade em determinado contexto, estabeleçam uma relação baseada principalmente na cumplicidade com o padrão hegemônico. Relação que faz com que esses homens passem também a tentar reproduzir esse modelo tido como ideal em suas experiências individuais. A respeito dessa relação de coexistência e de negociação de ideais distintos de masculinidades, Kimmel (1998) afirma que:

Enquanto o ideal hegemónico estava sendo criado, ele foi criado em um contexto de oposição a “outros” cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemónico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e económica dividida em gêneros. (KIMMEL, 1998, p. 105)

A partir da formulação de Kimmel (1998), é possível se pensar que o padrão de masculinidade performado por Nery, apesar de não pertencer ao modelo hegemônico, também não escapa dessa dinâmica correlação de negociação e de coexistência de modelos, com esses padrões variando sempre de acordo com o contexto no qual os indivíduos se veem inseridos. Ele procura, dessa forma, reproduzir as características tipificadas como masculinas, que são forjadas a partir do ideal hegemônico de masculinidade.

Esse tipo de correlação de padrões se faz presente na narrativa observada aqui, em situações como quando João apresenta sua experiência de trabalho em uma usina de concreto, na fase após a cirurgia. Ambiente tipicamente masculino, que lhe apresenta um ideal específico de masculinidade, o das camadas trabalhadoras, modelo que não lhe era muito familiar até então⁴. A performatividade masculina que era ali mobilizada não fazia parte de seu universo de significação.

Fui me habituando aquele ambiente machista, imundo, cheio de pó de cimento, com pessoas embrutecidas pela pobreza, pela ignorância e pelo sofrimento. Não tinham cerimônia para tirar meleca ou coçar o saco uns na frente dos outros. Tentava ser um pouco como eles para não chamar tanto a atenção, mas me traía pelo meu vocabulário, pelo meu jeito observador, pelo meu silêncio. (NERY, 2011, p. 235)

Ao se distanciar de seu contexto de classe pelo emprego fabril, João pôde ter contato com um modelo de masculinidade diferente do seu meio urbano e de classe média, ao qual tentou se adaptar e reproduzir da forma como lhe era possível. Esse é outro aspecto importante da performatividade masculina, a reprodução dos padrões comportamentais associados aos gêneros, ou a reprodução do que seria socialmente esperado de uma mulher e de um homem. A esse respeito, ao abordar as aventuras da nova fase que se iniciava com o fim de uma vida social marcada pela ambiguidade de gênero, João Nery assume uma postura, que na teoria sociológica poderia ser definida como uma percepção funcionalista acerca dos papéis sexuais, e ele o faz como uma estratégia para se encaixar ao padrão de comportamento

⁴ Luiz Fernando Dias Duarte (1999) em sua etnografia acerca da constituição da identidade de trabalhadores da pesca também aponta para a importância do investimento simbólico mobilizado no trabalho do pescador, como força e disposição, para a conformação da identidade masculina de seus interlocutores dentro daquele ambiente.

masculino estabelecido socialmente, como fica claro ao relatar a dinâmica que passa a reger seu relacionamento com sua parceira no período:

Era como se tivesse tomado o elixir da legalidade! Queria saborear esse delicioso gostinho. Fui até as últimas consequências que “aceitação” pudesse nos permitir. Tornamo-nos um casal bem enquadrado aos moldes vigentes. Mercedes tinha largado o curso noturno [...]. Acabou largando o trabalho de professora. Eu sustentava a casa. Quando aparecia a chance, eu pintava apartamentos de conhecidos para conseguir mais algum. (NERY, 2011, p. 84)

A performance masculina desempenhada por João Nery, mais uma vez, converge para o modelo de masculinidade associado ao comportamento do homem brasileiro típico. Protótipo caracterizado por reproduzir a lógica homem/provedor e mulher/cuidadora, ou pela associação entre a imagem do homem e a esfera pública e a da mulher com a esfera doméstica. Convenção que está presente nos mais diversos segmentos da sociedade brasileira, podendo ser observada desde as classes mais populares até as elites, modelo que garante, cristaliza e reproduz a assimetria de gênero, na formatação também dos modelos de conjugalidades do país (HEILBORN, 2004)

A presença das expectativas ou estereótipos de gênero tem um poder de atuação que organiza as formas de se relacionar em sociedade, poder esse que pode assumir a forma de coerção sobre os indivíduos, ao extrapolarem a fronteira das relações pessoais e penetrarem no campo das instituições. João Nery, quando ainda lecionava psicologia em uma Universidade, pôde sentir como a sua forma de se vestir causava desconforto dentro da instituição que trabalhava, pelo fato de não ser a forma mais esperada de uma professora se apresentar em público.

Em outra passagem, João descreve a reação do cirurgião plástico que o operaria, quando o viu pela primeira vez. Fragmento importante por apontar para como as expectativas de quais devem ser as características masculinas e femininas extrapolam o limite do discurso baseado no senso comum e atingem também o campo das instituições biomédicas. Tornando-se possível observar a influência desse tipo de discurso inclusive nas definições de quem pode ou não pertencer a um gênero determinado, fazendo-o de acordo com uma visão estereotipada do masculino e feminino, como fica claro na fala do médico reproduzida por João.

É um belo rapazinho! Não vai precisar mudar muita coisa ... – brincou. – O difícil é quando nos chega um paciente que quer trocar de sexo, mas não traz no tipo físico nada que possa contribuir favoravelmente para a mudança. Geralmente, é preciso mexer em características secundárias, como nariz, queixo etc., quando não apresentam problemas insolúveis como a altura. Aí as coisas ficam bem complicadas. (NERY, 2011, p. 160)

O poder coercitivo dessas visões estereotipadas de gênero adquire essa dimensão normativa pelo fato de serem reproduzidos pelos indivíduos de maneira automática, em função de sua transmissão apercebida como “natural”, que ocorre por meio do processo de socialização dos sujeitos. Esse tipo de transmissão pode se dar das mais diversas formas como a reprodução dos papéis sexuais informado pela socialização familiar, pela distinção na educação de meninos e meninas provocada pelos ambientes escolares, ou pela reprodução midiática do capitalismo que orienta quais produtos são destinados a qual gênero. João não escapa a esse modelo de reprodução de estereótipos, como pode ser observado no período pós-cirurgia, através de seu discurso, no qual ele elenca categorias que são histórica e culturalmente associadas ao universo masculino, como as benesses de sua vida de homem:

A nova harmonia transparecia numa expansividade natural, diferente dos gestos simples de antes. Meu porte ficou mais ereto. Era impossível dizer que naquele corpo já habitara uma corcunda. O tão esperado bigode despontava no rosto, conferindo alguma maturidade à aparência. Os pelos cresciam mais espessos, apesar da relutância das cicatrizes, que se entrecruzavam pelo peito e abdômen. [...] As menores coisas adquiriam uma importância capital. Com frequência, parava de capinar e ficava me maravilhando com o fato de estar sem camisa ao sol. (NERY, 2011, p. 220/221)

Contudo, acerca dessa reprodução dos estereótipos de gênero, no caso específico aqui analisado, e dos transexuais de uma maneira geral, é importante considerar que a identidade desses indivíduos é sempre um campo de disputas e negociações com a sociedade, que os indivíduos não transexuais de uma maneira geral não experienciam. Ou seja, indivíduos não transexuais gozam de privilégios na constituição de suas identidades, que os transgêneros não têm acesso, ou se têm, esses costumam ser motivos de descrença e deslegitimação de suas identidades, como por exemplo, ocorre no campo da sexualidade, na qual a heterossexualidade é sempre a única alternativa possível reservada aos transexuais sem que se questione sua legitimidade.

Todavia cabe aqui uma consideração, em última instância esse argumento poderia ser estendido aos desviantes como um todo. A deslegitimação e disputa estabelecida em torno da identidade, afeta todos aqueles que não gozam de uma sexualidade ortodoxa ou de uma identidade normativa, entretanto adquire um impacto e um poder maior para os indivíduos transexuais. De um modo geral, quem não se enquadra à norma, em maior ou menor intensidade invariavelmente sofre o seu poder de coerção cabendo ao desviante a dura missão de tentar se adequar.

Assim, a masculinidade vivida por João, é sempre objeto de negociação entre ele e a esfera social, não cabendo nesse sentido, muito espaço para fugas aos padrões culturais masculinos. Nesse sentido, cabe a ele performar, tal como proposto por Butler (2014) um modelo de masculino que não só reproduza as características aceitas e esperadas como masculinas, como também as valorize como forma de criação de pertencimento ao grupo dos homens.

6.4 Homossociabilidade, ou uma valorização do masculino?

A experiência de sociabilidade masculina aparece nos estudos acerca das masculinidades como um aspecto central inclusive para a forma como os discursos e as práticas da própria masculinidade se constroem e reproduzem através das interações entre os homens (VALE DE ALMEIDA, 1995). Essa valorização do companheirismo como um dos elementos centrais da forma como se organiza as relações entre os homens, também surge como um aspecto primordial da dinâmica de socialização dos pescadores de Jurujuba no trabalho de Luiz Fernando Dias Duarte (1999). De modo que essa parece ser mais uma das características de valorização do universo masculino em detrimento do feminino. Para Nascimento (2011) é exatamente nesses espaços de homossociabilidade, que as negociações e as disputas entre os modelos de masculinidades de fato ocorrem, o que faz desses ambientes espaços nos quais a própria noção de masculinidade é construída. Falconnet e Lafaucher (1977), acerca dessa característica da socialização dos homens, afirmam que:

A camaradagem masculina é um tema fartamente abordado nas canções, filmes, romances, colunas de histórias em quadrinhos, etc. É descrita como rude, franca, honesta, brusca e “viril”. E permanece muito difundida essa convicção de que “entre homens” impera a amizade, a camaradagem franca e leal, “qualidades masculinas” por excelência. (FALCONNET & LAFACHER, 1977, p. 179)

Com João Nery não é diferente e esse ambiente que era até então interdito a ele, também parece lhe causar grande admiração e interesse. Como pode se observar a seguir, quando ele apresenta seu ponto de vista acerca dessa suposta maior “fraternidade” masculina que lhe é agora possível desfrutar. Tal alternativa de interação e a visão de mundo que ela parece proporcionar, aproxima-o mais uma vez, do padrão tradicional de masculinidade

observado em outros trabalhos acerca da temática, através do enaltecimento dessa característica que também para ele parece ser uma exclusividade das relações masculinas:

Foi o taxi que me mostrou mais claramente algo que, enquanto mulher, jamais experimentaria, o relacionamento entre dois homens. Há um companheirismo, uma solidariedade, uma espécie de carinho, mesmo quando não são amigos, que nunca senti entre duas mulheres ou mesmo entre um homem e uma mulher. É uma camaradagem, uma expansividade afetiva intensa e espontânea, seja para comemorar o nascimento do filho seja a vitória do time de futebol. (NERY, 2011, p.114)

Nery passa a pertencer a esse seletivo grupo das relações masculinas. Todavia, a valorização dessa característica teoricamente inerente às interações entre os homens, parece esconder em suas entrelinhas algo comumente reproduzido pelo senso comum, a ideia de que as interações entre mulheres estariam sempre contaminadas pelo espírito de desconfiança e concorrência, ou ainda que a simples presença de uma mulher poria em risco esse ambiente positivado pela masculinidade (FALCONNET & LAFAUCHER, 1977). Esse tipo de visão que a sociedade reproduz, e nesse sentido se torna uma verdade, mais uma vez promove e reforça a assimetria e a hierarquia entre os gêneros ao valorizar a sociabilidade masculina em detrimento das interações femininas.

Ainda em tempo, vale salientar, que esse tipo de reprodução de discursos do que é estabelecido pelo *status quo*, por indivíduos marginalizados como João Nery e tantos outros, pode ser uma estratégia de aceitação desenvolvida pelos indivíduos *outsiders*, para com os grupos dos *estabelecidos* (ELIAS & SCOTSON, 2000). Para Elias e Scotson (2000) o conceito de mobilidade social, diferentemente da forma como tem sido empregado no estudo das sociedades industrializadas, pode e deve ser aplicado para além da análise da mobilidade de classe. Desse modo, poderia se pensar que a transição de João Nery do universo feminino para o universo masculino, foi uma experiência de mobilidade social, em sua definição mais ampla.

Ao se deslocar do grupo social feminino para o masculino, em uma sociedade marcadamente hierárquica, no que concerne as relações de gênero, João em certa medida, deixou de pertencer a um grupo que pode ser definido como *outsider*, o das mulheres, passando a pertencer ao grupo estabelecido, hierarquicamente superior, o dos homens. Esse tipo de pertencimento a um grupo superior implica a submissão dos indivíduos, às normas específicas desse grupo, no qual o contato social mais estreito com o universo *outsider* ocasionaria o risco de contágio, o que comprometeria o status desse grupo superior (ELIAS & SCOTSON, 2000). Ou seja, pertencer a um grupo social acarreta reproduzir seu discurso e

sua visão de mundo, e como já foi dito anteriormente, ser homem e, talvez o mais importante, pertencer ao universo masculino, é antes de tudo negar o feminino.

Contudo, pensando na trajetória de Nery e tantos outros “desviantes”, é perfeitamente compreensível, que consciente ou inconscientemente, que os indivíduos pertencentes a grupos estigmatizados, ávidos para pertencerem ao grupo dos socialmente estabelecidos, reproduzam discursos e práticas que não necessariamente reflitam suas visões de mundo, mas que garantam seu pertencimento, mais uma vez como uma estratégia de criação de identificação e aceitação.

6.5 As Próteses que fazem o gênero

João Nery, assim como a maioria dos indivíduos na contemporaneidade, em seu discurso também aborda o recurso de uso de próteses para aprimorar seu papel social a ser desempenhado no momento da interação. Contudo, trata-se de um equívoco associar esse tipo de estratégia somente a indivíduos transexuais. Autores que analisam as fronteiras entre natureza e tecnologia, ou a relação do sujeito sensível e objeto inanimado, como Haraway (2009) e Preciado (2014), apontam para como cada vez mais na contemporaneidade a relação entre o indivíduo e as próteses se tornam um vínculo impossível de ser dissociado. De acordo com Donna Haraway, “[...] nesse nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos em suma ciborgues.” (HARAWAY, 2009. p: 37). Perspectivas que apontam para a realidade da existência de diversas tecnologias que atuam na produção dos corpos dos indivíduos.

Todos os indivíduos em suas experiências de vida estão fadados à dependência de próteses, sejam elas mais visíveis ou convencionais como membros artificiais nos casos de deficiência ou amputação de membros, ou próteses mais naturalizadas pelo cotidiano, como um corriqueiro par de óculos. Fato é que, os indivíduos têm sempre suas existências pautadas por recursos externos, contudo ao que parece apenas alguns desses recursos gozam do privilégio da aceitação social, com outras dessas estratégias sendo condenadas a deslegitimação e marginalidade, bem como a quem delas fazem uso.

João, desde muito cedo, desenvolveu técnicas para resolver por conta própria sua demanda por próteses, desde o seu primeiro pênis, confeccionado a partir do cassetete de um guarda, até as próteses penianas sofisticadas importadas disponíveis atualmente. A esse

respeito ele é enfático ao narrar a primeira vez que se viu com um pênis, e a forma como esse objeto inicialmente artificial, foi capaz de completá-lo como homem:

Andando por Copacabana, descobrimos casualmente uma sex shop. Lola me incentivou a entrar. Acabei comprando um daqueles pênis rígidos com cinto, o mais parecido possível com o real, em tamanho, cor e textura. Mas não tinha saco. Chegando a nossa casa, começamos um sarro, e, quando já estava bem excitado, fui direto para o banheiro. Amarrei o cinto e o coloquei dentro da cueca, de uma forma que só o pau aparecesse. Olhei-me no espelho. Pela primeira vez via meu corpo como um objeto de desejo. (NERY, 2011, p. 242)

A relação de João com esse membro se dá de uma forma complexa que ultrapassa a explicação puramente material, em certa passagem João define sua prótese como “o membro que lhe faltava”, aproximando-se da afirmativa de Preciado (2014) de que as próteses não viriam para compensar alguma falta, para a autora as próteses seriam a própria forma de ser do corpo. A prótese de João é o que o completa subjetivamente como homem. Para Preciado a prótese seria a verdade absoluta do sexo e do corpo, fazendo com que todos os indivíduos se tornem seres prostéticos (PRECIADO, 2014).

Para João Nery, ao mesmo tempo em que seu o objeto gozava da artificialidade de uma mercadoria vendida numa loja de rua em Copacabana, ele era também capaz de, em certa medida complementar sua existência, ultrapassando os limites do campo imagético e penetrando no campo da subjetividade desse homem, passando a pautar sua forma de se relacionar com o mundo.

Com o tempo, fui aprendendo a usá-lo melhor. Às vezes, colocava camisinha, por ser mais higiênico e esconder seu artificialismo. Era rosa demais para o meu gosto. Na minha cabeça, era também uma justificativa para ela não engravidar. Um dia Lola sugeriu que o usasse na mão, como um objeto mesmo de sacanagem. Não gostei da sugestão e me recusei. Já o tinha assumido como parte do meu corpo. (NERY, 2011, p. 242/243)

A relação dos indivíduos com as próteses pode ultrapassar o nível do simples uso externo ou acessório. Esse elemento inicialmente externo pode se amalgamar com o corpo do indivíduo de forma indissolúvel. Um exemplo desse tipo de prótese, é o hormônio sintético injetado no corpo, tornando-se nesse sentido uma prótese que é imbricada no sujeito. No caso de João Nery, essa nova experiência com a prótese imbricada, ocorreu pelo uso da testosterona, e promoveu transformações significativas em sua estrutura física.

Desde que me operei, passei a tomar testosterona. No princípio era de 15 em 15 dias, depois o intervalo foi aumentando, segundo a prescrição de Porto (Seu médico na época). Deixei crescer o cavanhaque e o bigode. Fiquei com uma cara mais

responsável. O resto da barba continuou falhado. Pelo corpo também fiquei bem mais peludo, inclusive na barriga e no peito. Os cabelos começaram a cair, insinuando uma leve careca meio estranha. (NERY, 2011, p. 241)

Assim, a testosterona foi a prótese responsável por dar a João Nery as características lidas como pertencentes ao gênero com o qual de fato ele se identifica, garantindo o seu sucesso na construção de um corpo masculino inteligível. Essa transformação não se trata de uma realidade presente apenas na trajetória de João, estando ela também presente na narrativa de diversos outros homens transexuais. Desse modo, a testosterona na experiência aqui em análise goza do status privilegiado da prótese capaz de produzir o gênero masculino no corpo, ao menos no que diz respeito à imagem culturalmente associada ao masculino. Essa realidade também se faz presente entre os interlocutores de pesquisa de Simone Ávila (2014) para os quais o hormônio também atuou como a principal ferramenta de criação de inteligibilidade.

É comum o surgimento do discurso de que os homens transexuais ao fazerem uso da testosterona obtenham um maior sucesso em suas transições de gênero, fazendo da testosterona um importante aliado na construção de inteligibilidade social. Guilherme Almeida (2012), afirma que o maior êxito alcançado pelos homens transexuais em relação as mulheres transexuais, advém:

[...] o uso da testosterona no caso dos homens trans, ao contrário do que ocorre com as mulheres trans, torna-os bastante próximos fisicamente às expectativas sociais de como deve parecer um homem, o que contribui para invisibilizá-los. Essa invisibilidade adquirida com frequência a duras penas significa para a maior parte um agradável momento de trégua na estressante e contínua batalha por respeito à identidade/expressão de gênero. (ALMEIDA, 2012, p. 519)

Podendo essa “invisibilidade” social proporcionada pelos efeitos do uso da testosterona em algumas situações se tornar uma categoria de acusação, como uma forma de privilégio que diminui o estigma de se ser transexual, por aqueles que ainda não gozam da mesma inteligibilidade dentro de uma matriz pautada pelo binarismo de gênero, e por decorrência disso estariam mais expostos, como descrito por Carvalho (2015). Contudo, o uso de hormônios não é uma experiência exclusiva dos homens transexuais em seus processos de transição e de construção de si.

O uso de testosterona faz-se presente em diversas outras esferas da vida dos homens, o que alça esse tema à categoria de assunto característico do universo masculino de maneira geral. É cada vez mais comum, nos dias atuais, que homens não transexuais também recorram ao uso de hormônios sintéticos ou esteroides anabolizantes, como estratégia de transformação, ou de adequação de seus corpos aos padrões culturais vigentes (SABINO, 2006; CECHETTO

et al., 2012), padrões esses responsáveis por normatizar quais os corpos são aceitos como masculino e quais não. Esse tipo de necessidade ocorre pelo fato de que dentro dos padrões ocidentais atuais, a masculinidade do indivíduo está cada vez mais, diretamente associada a ter um corpo forte e musculoso (FONTES et al., 2012) processo responsável por promover uma verdadeira ressignificação do masculino, através da emergência de um paradigma baseado na hipermasculinidade, que atua remodelando o ideal de masculinidade hegemônico nos dias atuais (CECHETTO et al, 2012).

A experiência de construção de masculinidade de João Nery prescindiu da realização da última das cirurgias da transição de feminino pra masculino (FtM), a *neofaloplastia*, ou a construção do pênis. Na época em que realizou sua transição os resultados ainda eram muito ruins e as chances de sucesso não eram significativas, como lhe disseram os médicos a quem consultou na ocasião. Os resultados de fato ainda eram muito precários, além do novo órgão construído não ter qualquer sensibilidade, incidia também o fato da cirurgia ainda não ser realizada no Brasil à época. Sendo assim, é possível afirmar que a prótese que tornou João Nery um homem socialmente inteligível não veio da construção de um pênis no lugar da vagina, e sim das características físicas que o uso da testosterona, a prótese imbricada no indivíduo, foi capaz de lhe proporcionar. Pensando testosterona para além da discussão molecular bioquímica, ou como uma justificativa biológica para a assimetria de gênero (TRAMONTANO, 2017), ela é alçada na experiência de João à categoria de um artefato cultural associado ao ideal de masculinidade, e mais do que isso, ela se torna a ferramenta capaz de construir a verdade do masculino no corpo.

Essa característica de não priorização da cirurgia de neofaloplastia é também observada entre os homens transexuais entrevistados por Simone Ávila (2014) a prioridade de seus interlocutores, assim como fora na experiência de João, também seria a retirada dos seios e o uso da testosterona.

Indícios que apontam para o dado da construção do gênero ser uma experiência que passa por características que são visíveis nas interações sociais, pouco ou nada tendo a ver com a esfera biológica. Thomas Laqueur (1990) assinala como até mesmo a diferenciação entre os sexos anatômicos/genitais é ela própria resultado de uma construção política e histórica. O autor de “A invenção do sexo” evidencia como essas supostas “verdades” acerca dos corpos e dos sexos foram anteriores ao conhecimento científico e motivadas por razões de restringir o acesso à cidadania no âmbito da revolução francesa. Posteriormente, com o passar do tempo, as narrativas sobre as diferenças sexuais ganharam legitimidade no campo

da biomedicina ocidental (ROHDEN, 2001), até alcançar o modelo hegemônico da contemporaneidade baseado na realidade compulsória do binarismo sexual.

A narrativa de João desconstrói de maneira contundente o discurso que reduz à esfera biológica, ou física, a identidade ou o gênero dos indivíduos. Desse modo, torna-se possível elaborar que o símbolo maior de aceitação social de um homem, não necessariamente está associado ao seu órgão sexual, já que este é parte de uma dimensão associada à esfera individual, e sim ao processo de aceitação diretamente vinculado à apresentação de determinadas características interpretadas como masculinas, como a presença de pelos faciais e corporais, e aos músculos, que a testosterona é capaz de proporcionar. Assim, mais do que o pênis, o que torna um homem, homem é uma prótese, nesse caso a testosterona.

Em uma escala hierárquica do poder de influência na construção social da masculinidade, a testosterona ocuparia uma posição de privilégio em relação ao órgão sexual masculino, ao qual o senso comum atribui caráter metonímico de masculinidade. E como João Nery, muito bem entendeu, o fato de não ter um pênis, pode ser resolvido com uma rápida entrada em uma *sex shop* de Copacabana, contando ainda com a vantagem de se poder escolher o modelo e a cor que mais lhe agrada.

7 REFLEXÕES FINAIS

7.1 O fim da viagem e a chegada ao porto

Há tempos que o peso dos anos me fazia sentir novas barreiras físicas, como se um estranho se apossasse de mim lentamente. Agora a crise de identidade era diferente, não mais o do gênero, mas aquela que todos temem com a idade, ao constatar a dificuldade do possível fascínio sobre o outro. A face enrugou, os pneus surgiram, os pelos caíram e o pênis não veio. (NERY, 2011, p. 289)

Ao se aproximar do final da viagem na qual se teve como bússola a experiência de vida narrada nas duas autobiografias de João W. Nery, certas questões tornam-se mais claras, como no que diz respeito a forma como a sociedade brasileira, ou ao menos uma parcela dela, tece suas relações de gênero, e principalmente na maneira como o brasileiro pertencente às camadas médias urbanas, vivencia a experiência da construção social da masculinidade. Questões como a realidade desigual que organiza as relações entre homens e mulheres tornando-as, interações marcadas pela assimetria, e que em alguns casos podem se tornar até mesmo estruturais, saltam aos olhos do leitor.

A experiência narrada por João mostrou-se uma realidade muito próxima daquelas que são empreendidas por homens não transexuais, em suas construções subjetivas e até mesmo físicas da masculinidade. Demonstrando o impacto do contexto cultural na elaboração dos modelos de masculino e feminino, padrões esses que são transmitidos principalmente por meio da socialização diferenciada de meninos e meninas. As semelhanças nas trajetórias de João Nery e a dos homens não transexuais, como pretendeu-se demonstrar, vão desde a reprodução de comportamentos historicamente associados ao universo masculino, alguns deles passíveis inclusive de críticas, até o uso de próteses para a adequação ao padrão cultural de gênero, como recursos de criação de pertencimento a esse universo masculino. Tais semelhanças permite ao leitor observar, como que a falta de legitimidade que a performance masculina de João é alvo, deriva somente de pressupostos que são baseados em padrões morais, já que como foi possível discorrer a partir de um ponto de vista construcionista (VANCE, 1995) não existe uma única forma de ser homem, com todas essas possibilidades passando por processos de construção de si, que são na maioria das vezes, processos que subjetivos, mas que têm sempre seu horizonte de possibilidades condicionado pelo contexto social.

Ao se comparar as duas obras autobiográficas publicadas pelo autor, torna-se então possível observar o grande impacto que o avanço do debate em torno do gênero, potencializado pelo desenvolvimento acadêmico e teórico da temática, teve na construção de sua narrativa. Termos presentes na primeira obra, de 1984, como “identidade sexual-social”, “inversão corporal” ou usos que poderiam nos dias de hoje serem considerados equivocados, como a imprecisão na utilização dos termos sexualidade e gênero, em algumas circunstâncias usando-os como sinônimos, desaparecem por completo, ou foram substituídos na publicação seguinte. O próprio autor, logo no início da obra de 2011, reconhece essa transformação. Tais mudanças indicam, a meu ver, como o debate acadêmico e sua apropriação pelos movimentos sociais foi importante para o avanço na forma como a sociedade interpreta as relações de gênero, durante esse período.

Entretanto, essa influência pode, e deve ser observada como uma relação bilateral de influência. A autobiografia em questão é passível de ser encarada também como um instrumento útil para se pensar a produção teórica do campo atual dos estudos de gênero no país. Área que, principalmente, na última década, passou por uma verdadeira abundância no número de estudos e publicações, e que tiveram como objeto privilegiado de suas análises das relações de gênero, o fenômeno da transexualidade. Tais trabalhos foram diretamente impactados e influenciados, de maneira radical, por propostas teóricas de correntes “pós-construcionistas”, “pós-estruturalistas” ou a muito difundida “Teoria Queer”. Dessa forma, as pesquisas da última década realizadas no país, passaram a adotar tais propostas como arcabouço teórico fundamental para que se possa promover uma discussão acadêmica sobre gênero nos dias atuais, alçando seus principais autores ao estrelato.

Nessa pesquisa não foi diferente, conceitos como performatividade (BUTLER, 2014), e próteses de gênero (PRECIADO, 2014), propostas de autores que são afiliados a essas perspectivas, mostraram-se extremamente produtivos para a compreensão teórico analítica da trajetória vivenciada por João Nery. Contudo, um ponto nevrálgico dessas propostas teóricas, a super apregoada fluidez de gênero como uma realidade absoluta da vida dos indivíduos, não se evidenciou como conceito de fato condizente com a experiência narrada pelo autor, que aqui estava sendo tomada como objeto de análise e recorte empírico, o que assinala para algumas restrições da proposta, algo inerente a qualquer teoria.

Não pretendendo promover críticas à potência da mencionada perspectiva teórica, e sim buscando apontar para a importância de analisar com maior profundidade os conceitos e as teorias, na busca de sinalizar seus limites e possibilidades. Em um exercício analítico que tem como preocupação a não adoção de determinados pressupostos como a verdade unívoca

acerca de determinado universo, ou como exclusiva ferramenta capaz de analisar toda e qualquer realidade empírica.

Desse modo, acredita-se que a trajetória de vida de João, apesar de se tratar de um indivíduo que promove uma transição do gênero feminino para o masculino, não é uma trajetória na qual a fluidez de gênero se faça presente (ao menos não no teor de sua descrição autobiográfica). Em seu discurso fica patente como sua trajetória pode ser definida como uma transição que vai de um pólo a outro, de um gênero a outro, com seu autor operando dentro de uma estrutura binária de organização das relações de gênero.

Se é possível se falar em um momento de fluidez propriamente dita em sua narrativa, essa possibilidade diz respeito somente ao momento de sua transição, período no qual ele de fato experienciou a ambiguidade dos gêneros, mas que se apresenta como fase bastante restrita dentro de seu percurso, e que não permite estabelecer generalizações. De modo que passado esse período específico da transição, Nery adere de maneira definitiva ao gênero masculino.

A partir do discurso de João apresentado em suas autobiografias, é possível se observar a adesão do autor ao modelo de masculinidade tradicional do homem brasileiro das camadas médias urbanas, daquele período. Padrão de performatividade sublinhado por viver o gênero masculino como uma categoria restritiva, na qual são radicalmente definidos os limites de performance tanto corporal quanto social dos homens, e no qual é vedada qualquer possibilidade de fluidez. Afinal ser homem é não ser mulher, portanto significa dizer que ser homem, ao menos dentro desse modelo, implica também negar todas as possibilidades de feminilidade.

É evidente que ressalvas precisam ser feitas, quanto ao padrão reproduzido por ele, e quase todas elas estão relacionadas ao contexto histórico em que a experiência de João está localizada, e logo é dela também fruto. O período em que ele promove sua transição ocorre em uma fase na qual o arquétipo de masculinidade disponível era um modelo único, monolítico. Como visto, é justamente a partir da década de 1970 que as primeiras discussões e tensionamentos em torno da masculinidade começam a ocorrer no mundo, e que no Brasil ainda demoraria um pouco mais para ganharem penetração e notoriedade. De modo que processos importantes como a entrada da mulher no mercado de trabalho e a posterior “crise” do homem moderno, fatores que foram essenciais para desnaturalizar a condição masculina e a univocidade de sentidos de como ser homem, ainda estavam para acontecer, o que notoriamente restringia o campo de possibilidades possíveis de masculinidade naquele período.

Outro aspecto central a ser relativizado no modelo masculino assumido por João Nery, é o fato de ele ser o primeiro a realizar tal transição, “FtM”. Novamente o peso do pioneirismo se faz presente, o que impossibilita com que em sua trajetória ele possa contar com qualquer tipo de referencial para a construção de sua identidade masculina, a não ser o que estava dado como única possibilidade possível, o modelo tradicional. Toda essa falta de elementos de identificação faz com que o leitor de sua obra lance mão de um certo olhar compreensivo para determinadas atitudes de Nery, afinal essas eram as alternativas disponíveis para que ele pudesse existir no mundo.

Todos esses fenômenos fazem com que até mesmo a pouca fluidez de gênero observada na forma como João realiza e experiencia sua transição de gênero, tenham que ser sempre situados contextualmente para que se possa de fato compreender sua complexa experiência. Acredita-se realmente aqui, que a forma com que os indivíduos transexuais mais jovens vivenciam o gênero seja de fato de uma forma mais fluída, para qual as propostas teóricas das perspectivas pós-construcionistas e afins se tornem centrais. Ou seja, pressupõe-se que essa seja uma característica que fez parte da experiência de vida dos homens transexuais do que poderia ser chamado de primeira geração.

Tal argumento pode ser apoiado no fato de que o modelo de masculinidade de uma forma geral, aquele que é performado também por indivíduos não transexuais, nas últimas décadas como visto também sofreu significativas transformações culturais em suas expectativas em torno do comportamento socialmente codificado como masculino. Os homens de hoje permitem-se realizar atividades em suas performances de gênero que em outros períodos, como a década de 1970, comprometeriam de maneira irreversível sua performatividade de “macho verdadeiro”. E diante disso, é muito provável que os meninos transexuais pertencentes às novas gerações também estejam se autorizando uma experiência mais fluída de construção de suas identidades de gênero.

Outra possibilidade que também poderia potencializar essa maior fluidez de gênero nas trajetórias das novas gerações de homens trans, seria o fato de a sociedade estar um pouco mais receptiva para o fenômeno da transexualidade. Receptividade potencializada, em grande medida, pelo maior debate midiático em torno do tema observado nos últimos anos. Todas essas hipóteses podem, e merecem ser o foco de observação, em futuras pesquisas que tenham como interesse a produção de masculinidade transexual no país, para que somente então se possa pensar no estabelecimento de comparações entre as experiências das diferentes gerações de homens transexuais brasileiros.

É fundamental a compreensão de que João Nery viveu e vive a masculinidade que lhe foi possível conhecer e performar dentro do contexto e do campo de possibilidades no qual ele estava inserido. E o fato de o pênis não ter vindo como dito na passagem que abre essa última parte do trabalho, não foi imprescindível para que a sociedade o enxergasse e reconhecesse como o homem que ele sempre foi, e fizesse com que sua última crise fosse aquela que é inerente a todos os seres humanos que conseguem sobreviver a turbulenta viagem que é viver: o envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, 2012, p. 513-523.
- ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. **Revista Latinoamericana- Sexualidad, Salud y Sexualidad**, n.º 14 - p.380-407. 2013.
- ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- AMUCHÀSTEGUI, Ana; SZAZ, Ivone (Ed.). **Sucede que me canso de ser hombre: reflexiones sobre hombres y masculinidades em México**. Ciudad de Mexico: El colégio de México, 2007.
- ÁVILA, Simone. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. 2014. 243f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.
- BARDINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BATESON, Gregory. **NAVEN: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas/ Gregory Bateson; tradução Magda Lopes. – 2. ed – São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.**
- BECKER. Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Ed. Hucitec, 3º ed. São Paulo, 1997.
- BECKER, Howard S: **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- BENEDETTI, Marcos. (2005). **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Garamond Universitária. Rio de Janeiro, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. 7º edição. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2014.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CARVALHO, Mario Felipe de. **Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais.** Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARVALHO, Mario Felipe de. **“Muito Prazer eu existo: Visibilidade e Reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil.”** Tese (Doutorado em Saude Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CECHETTO, Fatima Rrgina. FARIAS, Patrícia. SILVA, Paulo Rodrigo. CORREA, Juliana. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [3]: 873-893, 2012

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **“Muito prazer, eu existo!” Visibilidade e Reconhecimento no Ativismo de Pessoas Trans no Brasil.** 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CONRAD, Peter. **The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders.** Baltimore: Johns Hopkins University Press. 2007.

CONNEL. Raewyn. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics.** Sydney. Allen & Unwin; Cambridge, Polity Press; Stanford, Stanford University Press, 1987.

COONELL, R. W. **Masculinities: Knowledge, power and social change.** Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, JamesW. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 1, abr.2013, pp. 241-282.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. **Revista Enfoques:** revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.134-151, agosto 2010.

DUARTE, Luz Fernando Dias. **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba.** Niterói: Ed UFF, 1999.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações.** São Paulo: EDUSP, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FALCONET, G. & LEFAUCHEUR, N. **A Fabricação dos Machos**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1977.

FONTES, Olivia. BORELLI, Fernanda. CASOTTI, Leticia. Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. **READ**. Porto Alegre – Edição 72 - Nº 2.p. 400-432, maio/agosto 2012.

FOUCAULT, Michel. (2011). **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Graal. Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..1982.

GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUIMARÃES, Carmen. **O homossexual visto por entendidos**. Editora Garamond. Rio de Janeiro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARAWAY, Donna. Manifesto **Ciborgue: ciência tecnologia e feminismo socialista no final do século XX**. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. Antropologia do ciborgue: as viagens do pós-ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. "Gênero e Hierarquia: a costela de Adão revisitada". In: **Rev. Estudos Feministas**, vol. 1, n. 1, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. "Dossiê Masculinidade. Em cena, os homens...". **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 2, p. 270-421, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza. "Debate: Sexualidade e ciências sociais: perspectivas e paradigmas no fim do milênio". **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. "**Estudos de gênero no Brasil**". In: Miceli, Sergio. O que ler nas ciências sociais brasileira (1970- 1995). São Paulo: Sumaré, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LAQUEUR, Thomas W. **Making sex: body and gender from the Greeks to Freud**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LAVINAS, Lena. (2001), "**Empregabilidade no Brasil: Inflexões de Gênero e Diferenciais Femininos**". Textos para Discussão, n 826, Ipea, p. 44.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIPSET, David. O que faz um homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 33, dez. 2009, p. 57-81.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: Sociologia e Antropologia. Editora EPU/Edusp. São Paulo, 1974.

NASCIMENTO, Marcos Antônio Ferreira do. **Improváveis relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais**. Dissertação (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NERY, João W. **Erro de Pessoa: Joana ou João?** Rio de Janeiro. Editora Record, 1984.

NERY, João W. **Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois**. São Paulo. Editora Leya, 2011.

NOLASCO, Sócrates. (1993) **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, Editora Rocco Ltda., 2001.

OLAVARRÍA, José. **Los estudios sobre masculinidades en América Latina. Un punto de vista**. Anuario Social y Político de América Latina y el Caribe Nro. 6, Flacso /Unesco / Nueva Sociedad, Caracas, 2003, pp 91-98.

OLIVEIRA, João Manuel de; AMANCIO, Lígia. Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 40, p. 45-61, set. 2002.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. "Discursos sobre a masculinidade". **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

PARSONS, Talcott. "Family structure and the socialization of the child", em T. Parsons e F. Bales (orgs.), **Family, Socialization and Interaction Process**, Londres, 1956. Routledge.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrasexual**. São Paulo. 2014.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista: Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, janeiro de 2002.

ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the 'political economy of sex'. In: RAPP, Rayna (ed.), **Towards an anthropology of women**. Nova York: Monthly Review Books, 1975, p. 157-210.

TRAMONTANO, Lucas. A fixação e a transitoriedade do gênero molecular. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 163-189, jan./abr. 2017

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu & vestido: dez antopológos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Sergio. (2006) A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia, ciência e profissão**, v. 26, n.1, março de 2006.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século edições. 1995

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis** [online]. 1995, vol.5, n.1, p.7-32.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social. In: **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. Cap. 1. p. 11 - 28.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro. Zahar, 1986.

ZAMBRANO, Elizabeth; HEILBORN, Maria Luiza. Identidade de gênero. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza (Org.). **Antropologia e Direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos**. Rio de Janeiro: Laced, 2012. p. 412-419.